



VIDA MUNDIAL ILUSTRADA

SEMANARIO GRAFICO DE ACTUALIDADES

ANO II - N.º 84 - 24 DE DEZEMBRO DE 1942
Número extraordinário: Avulso 1\$50

A PRÉCE DOS PEQUENINOS PARA QUE DEUS
RESTITUA A PAZ AO MUNDO.

(Foto Serra Ribeiro)



NATAL 1942

UM brinde do NATAL...

A PERMANENTE SEM APARELHO
NEM ELECTRICIDADE

DEANNA

DISTRIBUIDORES:

LABORATÓRIOS DOS PRODUTOS **DEANNA**
CALÇADA DO CORREIO VELHO, 11, s/l.

PHILIPS
É
PHILIPS
sempre a melhor



*É preciso juntar o
Útil ao Agradável*

Presentes há muitos, mas como
um fato bem feito e econó-
mico, só nos alfaiates

GOUVEIA & DIAS, L.^{DA}
R. ARCO MARQUÊS DE ALEGRETE, 20, 1.º D.

O LIVRO MAIS
SENSACIONAL
DO NOSSO
TEMPO

O LIVRO
QUE É O
MELHOR PRE-
SENTE DE NATAL!

A venda em
todas as
Livrarias

Luis de Oliveira Guimarães

**Dize tu
drei ou**

•VIDA MUNDIAL EDITORA•

TODO
O MUNDO
É OUVIDO
ATRAVEZ
DE UM RECEPTOR
PHILIPS



ACABA DE APARECER
O 1.º NÚMERO DE
"O ESPELHO DO
CONTINENTE"

UMA REVISTA QUINZENAL
DIFERENTE DAS OUTRAS

32 Páginas profusamente ilustradas em
ótimo papel — Esc. 1\$60

A APARECER DENTRO DE ALGUNS DIAS:

A ESFERA MISTERIOSA

Um romance policial de MAX FELTON

São duas edições de VIDA MUNDIAL

QUATRO "LEADERS" DO MUNDO

Quatro biografias por AMADEU DE FREITAS



ORAÇÃO DA PAZ

* POR SILVA BASTOS *

*Homem, regressa! . . . Contam-se os minutos
E a sombra cai nas leiras ansiosas.
Morreu a seiva que gerava os frutos,
O mato cresce onde nasciam rosas.*

*Abandonas o arado e a Terra chora
Contorcida de máguas e torturas.
A toada tristíssima da nora
É um dobre de penas e amarguras.*

*Tudo deixaste, em súbita corrida,
Na ânsia de vencer, de ser mais forte.
E vais de olhos fechados para a Vida
Com os braços abertos para a Morte.*

*Mas ouve: o rio canta e a Terra, essa
Por mais que a sulques de profundos trilhos,
Há-de ser sempre a única promessa;
A riquíssima herança dos teus filhos.*

*Da Terra boa onde te não contemplo
O que procuras surgirá do fundo,
Se aos Outros deres fervoroso exemplo
De Trabalho, Virtude e Amor profundo.*

*O mesmo braço que destroe um Templo
É bem capaz de construir um Mundo.*

MILÁGRE

dos presepeiros portugueses



A floresta de Grécio andava S. Francisco de Assis, em oração e penitência, quando uma idéia, imprecisa e vaga, o iluminou de súbito. Poucos dias faltavam para se festejar o nascimento do Redentor.

O Deus-Menino ia ter o seu dia — o dia da Família, o dia de Natal.

S. Francisco de Assis pediu uma autorização especial ao Papa para dar vida à sua idéa e, conseguida esta, começa imediatamente os preparativos para o que se propunha.

Chamou um irmão da Ordem e encarregou-o de descobrir um sítio da floresta onde fôsse possível erguer um altar. Conseguido isto, facilmente era o resto. O Pobrezinho de Assis queria festejar com toda a solenidade e recolhimento a festa da Natividade.

Arranjou, então, duas imagens grandes, que simbolicamente representavam a Virgem e S. José, e numas palhas de feno, aromatizadas com incenso, colocou a imagem dum Menino Jesus recém-nascido. De cada lado do berço pôs um jumento e um boi, autênticos, para que os animais não tivessem as honras de Arte e

divinização que só deviam caber a Sagrada Família.

Messer Giovanni, que de soldado passara a irmão menor, foi contando a noticia de aldeia em aldeia, e tão grande foi o contentamento e o alvoroço de toda a gente que logo a floresta de Grécio acorreram zagais eromeiros, com os seus instrumentos de música e as suas oferendas.

Sincero foi o espanto de S. Francisco de Assis e grande a sua alegria ao verificar que todos aquêles homens e mulheres vinham adorar a Deus — único Senhor e Rei do Céu e da Terra.

A meia noite, diz ainda a lenda, resou o Santo a missa em honra da Natividade, e por fim prêgou ao povo, sobre o mistério do nascimento.

Dizem que a sua palavra mais uma vez assombrou os Homens. Findo o sermão, pediu o Santo aos irmãos e devotos que o acompanhassem na adoração da mangedoura, para que todo o povo pudesse aprender a resar ao Rei dos Pobres.

Referem os cronistas que, logo que S. Francisco de Assis se aproximou do altar, um clarão de ouro e luz pairou à sua volta, e que a imagenzita de barro se transformou no verdadeiro corpo do Menino Je-



sus, que para êle estendia as mãos e o acariciava. Do céu, onde a estrela dos Reis Magos aparecia, desceram anjos que se collocaram na

parte de cima do altar, como se estivessem suspensos no espaço.

Três anos depois morria S. Francisco de Assis. Entre os seus mila-

gres este é, por certo, um dos maiores. Tão grande que a lenda do Presépio de Grécio se reproduziu, depois, em novo milagre: o milagre dos Presépios Portugueses, inspirados naquele.

Os Presépios arrecadados em Lisboa são famosos em todo o Mundo. Nápoles e Marselha são as únicas cidades que podem rivalizar com ela.

Os barristas portugueses — extraordinárias gerações de Artistas, que se sucediam de pais para filhos — criaram, através dos tempos, um mundo de beleza, nunca ultrapassado.

Vem do século XIV a primeira notícia dos nossos Presépios.

O estilo dos barristas portugueses é prodigioso de personalidade. Nenhuma escola os influenciou. Mestre Machado Castro — o maior de todos — António Ferreira, Nicolau de Vilela, Barros Laborão e outros Artistas menores legaram-nos obras de inigualável esplendor.

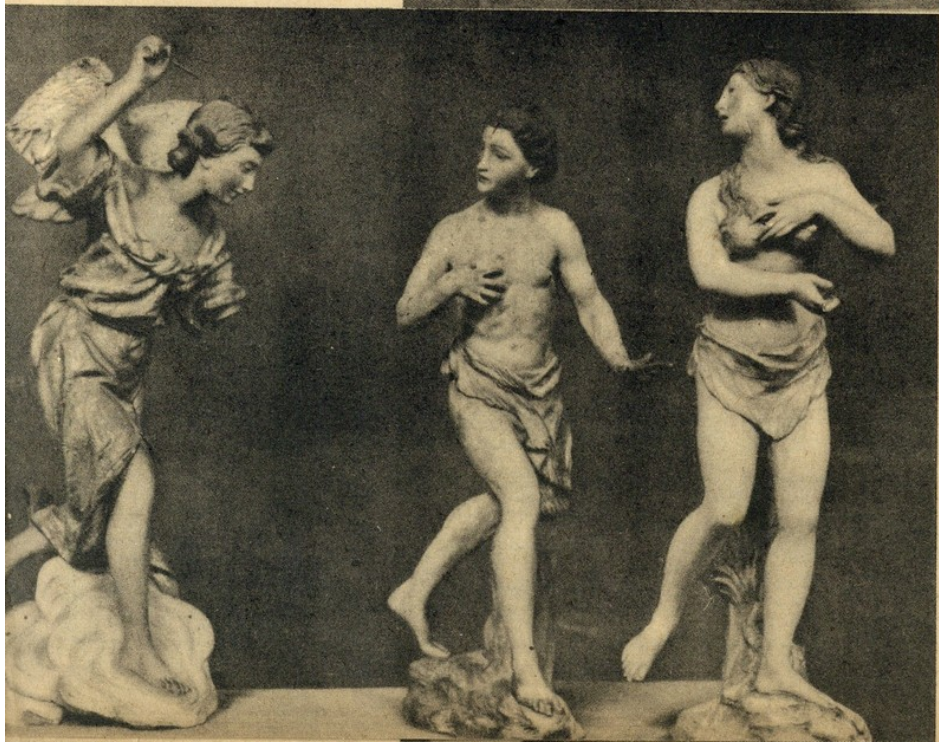
Os mais célebres Presépios portugueses são: o da Sé, o da Estréla, o de Belas, o de S. Vicente, e o grande e pequeno presépio do Desagravo.

Em todos eles as mãos de Machado de Castro — ora divinizando, ora humanizando — deixaram no barro a sua marca milagrosa.

O realismo das figuras humanas é tão grande que os barristas chegaram a copiar fielmente os trajos e costumes dos séculos passados. A caricatura assume, por vezes, exageros surpreendentes.

Quem já subiu a escada encarcada do zimbório da Estréla e já entrou na Sé e no Mosteiro de S. Vicente, nunca mais esqueceu o tocador de sanfona, o homem do harmónio, o pastor velhinho, a mulher da touca — com um filho a mamar e outro às cavalitas — a velha do peru — com um cesto de ovos à cabeça — o garoto que trepa à árvore, o pastor dos queijos, o casalinho amoroso e o músico mendigo.

E a cena da anunciação da Virgem? E os Reis Magos? E o Menino entre os doutores?... Ante os nossos



olhos abriu-se um mundo de maravilha, coroado pela cena culminante do Menino Jesus, sorrindo, nas palhinhas. E notámos que esse Menino, tão amado e venerado, não se parece com os anjos suspensos na mangedoura. É um Menino igual a outro qualquer menino, Deus filho do Homem, o Espírito humanizado em Carne.

Natal!

Não há descrentes quando badala a meia noite.

Um sentimento especial de fraternidade une todos os homens, amigos e inimigos, na hora alta da primeira mensagem.

O Menino Jesus desce de novo à Terra, onde tanto padeceu, com um saco cheio de brinquedos e uma promessa para cada um de nós.

...Que em cada casa de Portugal se enfeite um altar onde as figuras de barro tenham o seu lugar destacado!...

E não se esqueçam:

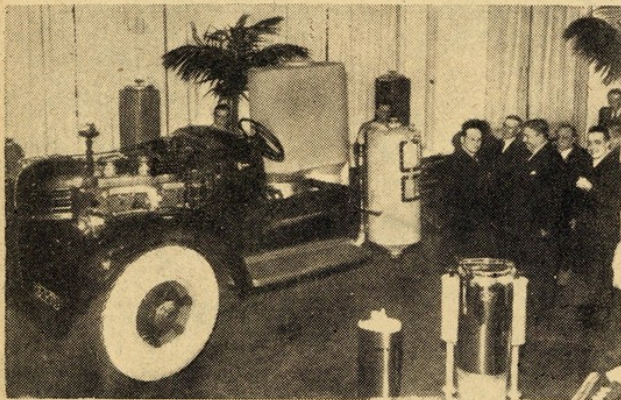
Sobre a mangedoura, ponham uma estrelinha de lata com esta legenda eterna para todos os séculos:
GLORIE IN EXCELSIS DEO
ET IN TERRA PAX HOMINIBUS.

A EXPOSIÇÃO DE GASOGÉNIOS

“GAZAUTO”

CONSTITUIU UM GRANDE ÊXITO

Uma vitória da indústria nacional, que se deve
ao industrial **JOSÉ FERREIRINHA**



Um aspecto da Exposição Técnica Gazauto, vendo-se no primeiro plano um camião «Dodge» (ex-Diesel) 7.000 kg., equipado com o tipo de maior raio de acção que se emprega na Península. O sr. José Ferreirinha mostra ao sr. Croy, director da Citroën, todos os melhoramentos introduzidos. No segundo plano um modelo de Gazo-Taxi.

OPINIÃO DA IMPRENSA

Toda a grande imprensa diária de Lisboa se referiu à Exposição «Gazauto». Assim o «Século» disse:
Constituem uma necessidade imprescindível, devido à falta de gasolina, os gasogénios, que vieram resolver um problema que a todos se afigurava grave. Há, porém, que atender à sua qualidade e também à sua aplicação nos vários tipos de veículos.

A importância do problema é tal que o Governo lhe está dedicando toda a atenção, recorrendo à indústria nacional. Um nome merece ser posto em relevo, o do sr. José Ferreirinha, técnico competentíssimo e um dos peritos mais conceituados da técnica automobilística, que há 66 anos vêm estudando com verdadeira paixão, e afincadamente, o fabrico de gasogénios, com resultados notáveis.

Também o «Diário de Notícias» se referiu à Exposição nestes termos:

Nessa exposição tivemos o prazer de admirar um «Gazauto», em pleno funcionamento, adaptado a um camião. A sua construção e o seu rendimento eram perfeitos. Podemos-lo mesmo considerar uma vitória técnica de José Ferreirinha.

O «Jornal do Comércio» termina assim a sua notícia:
A exposição demonstra, prática e tecnicamente, por dentro por fora, o sistema de funcionamento de gasogénio, mas o «clou» da exposição é o novo gasogénio destinado ao stáxi-taxi ligeiro, do qual se encontra um modelo e há um outro montado num «Austin» 10 H. P., 1,125 cm.³ no qual fizemos uma pequena viagem.

ESTA ORGANIZAÇÃO É A MAIS IMPORTANTE DO PAÍS—COM MAIS DE 400 GASOGÉNIOS EM CIRCULAÇÃO—COM A MAIOR EXPERIÊNCIA E COM A PREFERÊNCIA DAS MAIS IMPORTANTES EMPRESAS DE PASSAGEIROS E CARGA

O «Diário de Lisboa» escreveu:
A patente deste ótimo invento é da autoria dos srs. Luiz Libaut, francês, e José Ferreirinha, que aperfeiçoaram o filtro, de modo a adaptar o gasogénio às condições do país. Esta adaptação teve a vantagem de melhorar, consideravelmente, as características primitivas deste gasogénio, tornando-o um dos melhores, como se demonstra pela procura que está tendo. Basta dizer que já estão actualmente equipados 400 carros com o gasogénio «Gazauto».

O diário «A Voz» apreciou, desta maneira o gasogénio «Gazauto»...

Nesta exposição, tivemos ocasião de verificar em daqueles aparelhos em pleno funcionamento, adaptado a uma camioneta.

Para avaliar da solidez dos referidos gasogénios vêem-se estes aparelhos cortados longitudinalmente, mostrando o interior e as várias peças que o compõem.

O seu manejo é simples, podendo trabalhar com carbões húmidos, sem perigo de empastamento do filtro.



Um «Austin» 10 H. P., equipado com gasogénio Gazauto, tipo Gazo-Taxi.

Concessionários Gerais:

JOÃO MACEDO, L.^{DA}

Av. Visconde Valmor, 130—LISBOA

Agentes no Norte

ED. FERREIRINHA & IRMÃO
RUA BOA NOVA, 125—PÔRTO

Distribuidores Gerais

Automóveis CITROEN S. A. P. R., L.^{DA}
AVENIDA PRAIA DA VITÓRIA, 9—LISBOA
e seus agentes em todo o País

DARLAN

O homem-misterio

por Francisco Velloso

OS historiadores deste revólto período da vida internacional haverão de deter-se, de vez em quando, nos chamados pequenos episódios que, aparentemente à margem dos acontecimentos e no recôndito dos bastidores em suas re-
taquardas, são como areia nos gonços de roldanas, que impeem o mover lanceiro das máquinas. São eles que criam e alimentam de coloridos quasi anecdóticos a «pequena história». As próprias sínteses à Taine os não dispensam para os grandes quadros murais. — É certo que, às vezes, incitam a conclusões precipitadas mesmo os espiritos mais sa-gazes.

Naqueles dias de confrangimento e desânimo que invitaram o mundo quando fragorosamente desabou o prestígio da admirável França, lançaram-se alguns escritores notáveis, franceses de boa raça, a tentar explicar imediatamente com todos os riscos das impressões ainda de fresco, os factores da *débâcle*.

Emitida pelo ilustre Maurois, chocalhada por outros escritores de menor vulto, foi apresentada a hipótese de que dois casos de relações ilícitas haviam causado, quasi só por si, a derrocada do país. Um ilustre advogado alsaciano que então conheci a caminho da América, ria-se a bom rir uma tarde:

— *Oh! les poules! Et Napoléon? Et Louis XIV?... Est-ce que les poules ont fait leurs victoires?... C'est une histoire de dormir debout!*

Mas noutros casos, em boa verdade, são esses pormenores episódicos que dão cor a certos acontecimentos, e vivem dentro de suas medulas tão profundamente que, de súbito, basta-nos o seu perfeito e sereno conhecimento para que se

esclareçam em seu exacto sentido. Assim sucede neste momento com o que se passa na politica francesa em torno da figura do almirante Darlan, com repercussões sobre a marcha da guerra na hora em que esta entra em pleno teatro do Mediterrâneo.

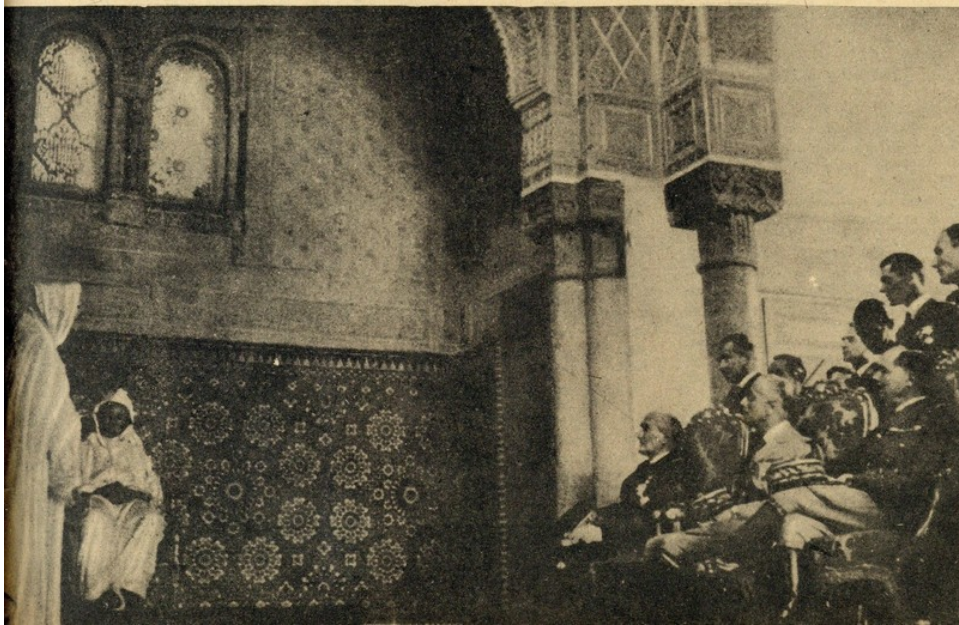
Desde o dia do armistício, Darlan é uma personalidade central junto do marechal Pétain. Nas páginas desta mesma revista já se narrou há bastantes meses como, dentro da politica que se denominou *atentista*, Darlan foi o grande baluarte de resistência, entre o que Maurras, o doutrinário da monarquia, intitulou de «contra-revolução espontânea» e a politica do bloco franco-alemão europeu defendida por Laval. As correntes de opinião dividiam-se fundamentalmente entre a imprensa de Paris, regida por De Brinon e a imprensa de Clermont-Ferrand, com «Le Temps» à testeira, que através de tudo, reagia com orientação republicana, em defesa mais ou menos franca de um regime de livre representação popular por via electiva.

A confiança do marechal Pétain bastou para que Darlan substituisse Laval no governo.

No dia 8 de Novembro de 1942, já com Laval no poder, a expedição norte-americana desembarca na África Francesa do Norte. Hitler faz executar a ocupação da «zona livre». O largo período que decorreu desde o armistício, encerrou-se. E Darlan, que em Paris detinha, por expressa vontade do marechal, a chefia suprema de todas as forças armadas francesas, de repente desce em Argel no dia 9. Vagas notícias primeiro, mais precisas depois, revelam-o como «hóspede» do general norte-americano Eisenhower. Boquiabre-se uma surpresa geral. No dia 11, Darlan ordena a suspensão



EM CIMA: O almirante Darlan recebendo, em Argel, Boisson, governador de Dakar. — EM BAIXO: Darlan, tendo à sua esquerda o general Noghés, durante a sua visita ao Sultão de Marrocos.



das hostilidades e a cessação de fogo.

E começa então o episódio. Darlan, que a partir dessa data quasi todas as semanas dá de si, enturva a rectaquerda do 1.º exército já em operações, e chega a entremostrear uma divergência de critérios entre ingleses e americanos, a qual em dado momento perfura nos debates dos Comuns, irrita a peculiar serenidade do *Times*, azeda os sectores de Washington.

A 14 recebe Darlan a plenipotência de funções de alto comando, do general Nogués, O almirante actua sempre em nome do marechal invocando ordens que dele receberá no dia 9. De Vichy desmentem-no. A 17, rompe em Londres o protesto da Comissão Nacional Francesa anunciando que «não tomava qualquer responsabilidade nas negociações» de Argel e que não as acelarão, se elas envolverem o reconhecimento «do regime de Vichy no norte de África», reserva já sem base, em vista de Pétain ter destituído Darlan de todos os cargos.

(Conclue na pág. 35)

O que gostaria que o menino Jesus lhe fizesse no sapato?

TODOS os Homens que foram meninos recordam com saudade o tempo em que punham o sapatinho na chaminé.

Noite de ansiedade!...
O que traria o Menino Jesus? Um combóio de cordão? Um cavalo de papelão? Uma daquelas bonecas que dizem papá e mamã? E se o Menino Jesus se esquecesse!...

No outro dia, mal despontava a manhã, os Homens que foram meninos corriam para a chaminé. E o milagre dava-se sempre. Sempre! Lá estavam os brinquedos e, por coincidência, os brinquedos mais desejados.

Mas os meninos cresceram, os anos passaram, e o Milagre desfêz-se com a primeira realidade.

Esqueça por uns instantes essa realidade e suponha que o Milagre era, de novo, possível.

— O que gostaria que o Menino Jesus lhe pusesse no sapato?

Um romancista:
AQUILINO RIBEIRO

O primeiro prosador português vivo e um dos maiores em todos os tempos da nossa literatura.

Os adjectivos em Aquilino Ribeiro podem parecer lugar-comum.

É ele quem responde em primeiro lugar... — sempre em primeiro lugar.

— «...Estou numa altura da vida em que se é muito difícil, precisamente porque os desejos começam a deixar de contar. Habituei-me, por outro lado, à falta de manteiga fresca, à falta do bife, à falta do pratinho de bacalhau regado por azeite sem acidez, à falta de pão branco sem pontas de cigarro dentro, à falta de gasolina no meu carro; sinto-me descarnado de apetites materiais. Quasi puro espírito.

«No domínio do espiritual não desejo a glória. Tanto cheira louro, a árvore de Minerva, como a cadáver, o cadáver das batalhas.

«Sabedoria, isto é «scientia», tampouco. Conhecer-me bem a mim e aos outros seria o horror. Ilusão, esse adorável ópio? Serenidade, essa divina sombra? Tudo isto é o caduco do caduco. O elixir de Fausto? Não preciso dele.

«Deixe-me ficar amuado diante do sapatinho do Natal.

«Não queria nada, mesmo nada. Era melhor.

Um dramaturgo:
RAMADA CURTO

O eterno «caso do dia» do Teatro português não hesita na resposta. Para um homem do fóro, habi-

tuadíssimo às réplicas e trélicas, a nossa pergunta é dumha inocência de instrução primária:

— «Olhe, meu Amigo, com toda a franqueza, o que mais me agradava receber era um bilhete da lotaria com o número da sorte grande. Quanto mais não fosse, para desmentis os que dizem que a talada só sai a quem joga...»

Um comentário:
Se não lhe sair a sorte grande é porque já teve como recompensa outra sorte maior. Na consciência de todos nós, Ramada é um dos homens mais bafejados por Sua Alteza o Talento; uma talada que não sai a toda a gente.

Um humorista:
LUIZ DE OLIVEIRA GUIMARÃES

Agora o primeiro humorista português, por fora, e o último romântico, por dentro.

Conferencista, homem de Teatro e Poeta, a sua obra literária desdobra-se em mil fôlhas, que são outras tantas manifestações de rara sensibilidade.

Responde a sorrir, ajeitando o nó da gravata, — duas atitudes que têm de ficar na história do Chjado.

— «... Mas eu queria tanta coisa que o Menino Jesus para realizar os meus desejos tinha de fretar à C. P. um combóio de mercadorias. Como isto não pode ser, já fico muito contente se na manhã do Natal tiver... uns sapatos novos na chaminé».

E bem os precisa, diga-se em abôno da verdade, quem tem gasto tantas solas a ajudar meio mundo a subir a «Calçada da Glória».

Um poeta:
ANTÓNIO BOTTO

Responde o Artista das Canções — um nome que é por si só um adjectivo poético:

— «Não ambiciono impossíveis. Eu desejava que o Menino Jesus pusesse no meu sapato a certeza de que a guerra terminava no dia seguinte».

Um belo desejo e talvez realizável... quem sabe? Se o Menino Jesus puser em cada chaminé um livro de contos de António Botto e os homens souberem compreender a beleza invulgar da eterna mensagem do Poeta, talvez o milagre se dê.

Um bailarino:
FRANCIS

O génio das atitudes. Sua fama corre mundo. No estrangeiro o nome de Francis vale um cartaz luminoso

que arrebatou Paris.

— «O que eu desejo «resume-se» numa coisa tão grande que não cabe no sapato, nem na chaminé. Imagine, eu queria só isto: um piano de meia cauda».

Francis não pede muito (?), e é muito possível que o Menino Jesus o atenda. É que o Deus menino tem muitas maneiras de dar.

Se no céu não se fabricam pianos, os comerciantes da terra e as admiradoras são muito capazes de remediar esta falta.

Um livreiro:
PEDRO DE ANDRADE

O homem do livro... e das livrarias. Tão arrojado e empreendedor que teve um dia a idéia de fazer concorrência a si próprio, e não descansou enquanto se não estabeleceu com duas casas na mesma rua, e o que é mais: uma em frente da outra.

Responde:
— «Eu queria que o Menino Jesus me trouxesse um lote de bons originais, de autores novos, para eu editar».

Pedro de Andrade que tenha esperança. Há boas «marés» e o Alves Redol não deve estar parado.

Um desenhador:
BATISTA RUDY

Um lápis pôsto ao serviço do bom gosto e da «Vida Mundial Ilustrada». Um artista que se impõe por si próprio. Uma sensibilidade que é um grito vibrante de renovação.

— «Quando eu era pequeno, diz ele, quis a lua. O Menino Jesus, lembro-me perfeitamente, não me fez a vontade. Agora estamos na mesma: queria talento, uma coisa que não tenho».

Rudy não respondeu assim por falsa modestia. O seu maior trabalho desde longa data é pretender convencer toda a gente que não tem valor. E até hoje nunca ninguém o acreditou.

Uma actriz:
PALMIRA BASTOS

«Ama e Senhora» do Teatro português. Palmira Bastos é o orgulho dumha geração. As suas interpretações são tratados de Arte de representar; uma Escola viva de beleza, de elegância e naturalidade:

— «Eu desejava que o Menino Jesus, nesta hora de ressurgimentos, me trouxesse a possibilidade do nosso Teatro voltar ao que foi outrora, nos tempos do Vale e do Ferreira da Silva, os meus queridos mestres».

...Que Deus a oiça e o Menino Jesus a atenda... se é possível.

Uma pianista:
Elisa de Sousa Pedrosa

As suas mãos são como que uma continuidade da sua própria Alma. Quando acariciam o piano, a Arte sobe mais alto.

Sem o seu esforço não tinha sido possível a realidade magnífica do Circulo de Cultura Musical.

O que gostaria que o Menino Jesus lhe pusesse no sapato?

— «O Walter Gieseking a tocar Ravel e Debussy».

Se este desejo for realizável será mais que um milagre: uma homenagem bem merecida.

Uma poetisa:
VIRGINIA VITORINO

Poetisa, escritora e dramaturga, sempre ilustre e sempre distinta. Em toda a sua obra é sempre a excepcional poetisa que se impõe. Dos «Namorados» ao «Vendaval» a trajectória é um hino que lhe garante a imortalidade.

Responde com tristeza:
— «A noite da Família é sempre muito triste para mim, desde que morreu a minha querida Mãe. Se o Menino Jesus me pudesse devolver, era esse o meu único desejo».

Uma escritora:
MARIA LAMAS

Maria Lamas chegou aos primeiros lugares das letras portuguesas pelos direitos do muito talento e do muito trabalho.

Escritora de garra, ela representa, no momento actual, um indiscutível valor nas nossas letras.

— «Eu queria a Paz. Não me refiro somente àquela paz que há-de suceder à guerra, mas também àquela tranquilidade de espírito e de viver que todos nós tanto precisamos».

Maria Lamas falou por todos nós. Que Deus a atenda...

Uma pintora:
EDUARDA LAPA

Uma paleta onde as cores são caprichos de beleza.


Eduarda Lapa é uma assinatura que põe categoria num quadro.

As suas flores têm alma, falam connosco, ficam impressas nos nossos olhos.

Responde-nos modestamente:

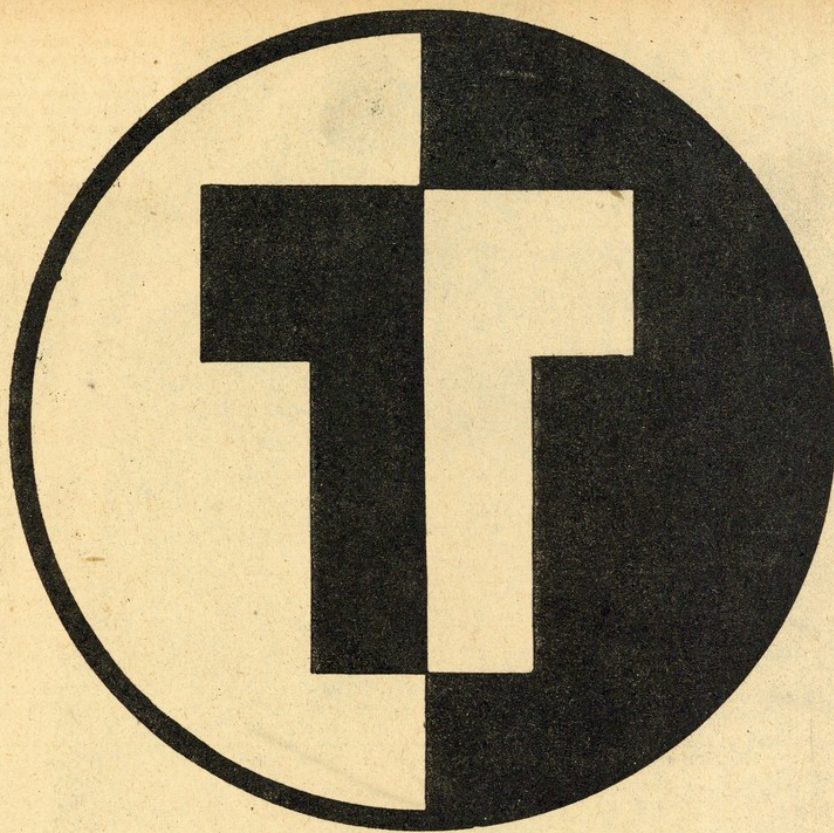
— «Quando exponho tenho sempre uma grande dívida à minha frente: a incerteza de agradar. Eu queria que o Menino Jesus me pu-

(Continua na pág. 35)



*Dôr pelos que sofrem nesta
hora trágica do mundo*

Uma foto de arte de
MARIO FERNANDES BRAGA



TUNGSRAMP

LAMPADAS PARA ILUMINAÇÃO

VALVULAS PARA T.S.F. { EUROPEIAS
AMERICANAS

LAMPADAS PARA AUTOMOVEL

as melhores!

FLORES DA RUA

Em pleno bairro da Alfama, neste Dezembro agreste, estas crianças precisam que os corações generosos se lembrem delas, para que neste sagrado dia da família possam ter um pouco menos de frio e um pouco mais de pão...

(Foto Serodio)



FOI HA' 20 ANOS que se transformou o ROSSIO

NÃO sei ainda como nem porquê ele ingressara na nossa tertúlia. E hoje, pensando nele, ao lembrar-me que fez este ano vinte anos que o Rossio sofreu a transformação que tanto o indignará, me pasmo como se sentia bem entre aquele grupo cujo conceito da vida — evolução constante e progresso intermimo — tanto contrastava com o seu conceito de estabilidade, de «statu quo». Ao princípio, chegámos a supô-lo um cinico — dêsse que se fazem de virtuosos mas a quem o dinheiro permite ocultar a prática e os efeitos da sua libertinagem, dêsse que alardeiam tolerância mas que o seu maior desejo é fazer calar ou comprar os que se pronunciam contra as suas opiniões ou designios. E essa suposição fortalecia-se quando observávamos as suas incoerências. Ele que aconselhava a humildade e a resignação não encobria a amargura despeitada de não ser rico, e ao mesmo tempo que combatia a liberdade individual mostrava-se irritado quando sofria qualquer limitação na sua liberdade. Mas, em breve, com a convivência, chegámos à conclusão de que, afinal, era um bom rapaz, com alguns méritos, mas de idéias envelhecidas, a quem os princípios de educação, profundamente arraigados, impediam que sequer tentasse renová-las por outras mais sádias e mais moças.



Em politica, nenhum ideal criador o norteava. O seu espirito de rebeldia e de combate, a sua critica ao existente, punha-os ele apenas na defesa dos interesses criados, que confundia com ideal.

Discutia como se tivesse, única e forçosamente, de escolher entre o passado e o presente; e quando nós diziamos que repelíamos o passado, de que não éramos culpados, e consideravamos o presente como um

estado transitório, e que entre um e outro votavamos pelo futuro, ele, encolhendo os ombros com desdém, e com um sorriso de descrença, vituperava contra a natureza do Homem, essencialmente mau e egoista, incapaz de se aperfeiçoar e de melhorar a vida.

A sua cultura era tóda baseada na História. Não, porém, na história das comunidades, mas na das vidas dos reis e dos heróis. Vivendo,

O Rossio — ainda com C — vendose a placa central tóda empedrada em mosaico preto e branco.

assim, debruçado sobre o passado, cada vez os conceitos arcaicos se enraizavam mais no espirito. As questões sociais não o interessavam; e, entrincheirado no seu campo ideológico, das doutrinas politicas só tomava conhecimento através dos seus opositores.

Em artes plásticas e em literatura só admirava o clássico, o antigo, e a arqueologia era uma das predilecções da sua curiosidade. E nós, na sua ausência, muitas vezes nos interrogávamos se seriam as suas idéias retrógradas que o levavam a interessar-se pela história e a arqueologia, ou se seriam a história e a arqueologia que o faziam retrógrado. Isto diziamos nós na sua ausência, porque se o quiséssemos ver indignado era chamarmos-lhe reaccionário.

— Reaccionário, eu?! — ripostava furioso, como se a simples palavra o horrorizasse.

III

Esta recordação do nosso amigo e companheiro de tertúlia de há vinte anos veio hoje a propósito da transformação do Rossio, como já disse.

Em 1922 — o Rossio durante as grandes obras de transformação, já sem árvores...



Estava-se em 1922. A densidade populacional da cidade aumentara extraordinariamente depois da guerra. Lisboa não tinha habitações para receber os provincianos que se transferiam para a capital. A população vivia em partes de casa. Foi a época dos trespasses, do aumento de rendas, dos conflitos entre senhorios e inquilinos, alguns deles de desfechos sangrentos. Com a proliferação dos novos ricos e a popularização do automóvel pelo sistema do taxímetro, o número destes veículos elevou-se consideravelmente. A Companhia Carris punha em circulação maior número de carros para dar vazão ao movimento de passageiros que se aglomeravam nas paragens do Rossio, disputando os lugares ao empurrão e ao sóco. A rua que enquadrava a praça era estreita para o trânsito de automóveis e carros eléctricos que, então, subiam a Rua do Ouro, davam a volta em frente do Teatro Nacional e desciam a Rua Augusta; e os passeios laterais, que tinham metade da largura de hoje, eram apertados para conter a multidão que frequentava os cafés e se espècava diante dos «placards» dos jornais e das paragens dos eléctricos.

O alargamento dos passeios e das ruas da praça impunha-se imperiosamente, e, para isso, era indispensável sacrificar-se a inútil enorme placa central, empedrada de branco e preto, sobre a qual assentavam a estátua e os dois lagos. Não podendo acomodar a vida da cidade às condições da praça, a Câmara



resolveu, mui logicamente, acomodar a praça às exigências da nova vida, empreendendo as obras de transformação. Contra a decisão camarária se ergueu um colossal protesto, não do povo, como se poderia esperar, mas dos intelectuais tradicionais — arqueólogos, pinto-

res, escritores e jornalistas — para quem os vivos devem obedecer aos mortos, respeitando e conservando o que estes fizeram em seu benefício próprio e dentro das exigências e possibilidades da época. Para os protestantes, a transformação da praça constituía uma profanação, era a... morte do Rossio! Ao projecto do engenheiro chamavam-lhe abórto e insinuavam até que os veadores recebiam chorudas «luvas», e o pobre Paiva e Pona, que tem o seu nome vinculado a este importante melhoramento citadino, apañou tapon a meia noite.

Um jornalista escrevia: «Demolir a tradição que o conjunto esbelto do Rossio encerra é o mesmo que espátifar a pontapéis sacrilegos o relicário das mais gratas recordações que os nossos pais amaram», e lamentava que «sobre aquela praça histórica não mais voltariam os ranchos de raparigas alegres, como toutinegras, a ensaiar as suas danças de roda nas noites luarentas dos santos tradicionais da sua devoção».

O nosso amigo e companheiro de tertúlia era, como não podia deixar de ser, dos que faziam parte da vozearia. E estou a ouvi-lo irado contra o arranque das árvores que marginavam a grande placa central — e que era indispensável para o seu encurtamento ou recuo — contra o desaparecimento dos caprichosos SS da pavimentação, compostos pelos grilhetas do Castelo de S. Jorge, e até contra a construção do urinol subterrâneo, o qual havia de servir, dizia, de túmulo aos demolidores edis.

III

O nosso amigo e companheiro de tertúlia não chegou a ver o Rossio tal como hoje se encontra. Morreu de doença cardíaca, antes de concluídas as obras. Quem sabe se o desgosto ou a irritação não contribuiu para isso? Se fôsse vivo, gostaria de perguntar, devolvidos que são vinte anos:

— «Olha lá, amigo meu: Pois não está muito melhor assim, o Rossio? Em que diminuiu o nosso fervor pa-

triótico com o facto da placa grande ter sido dividida em três pequenas, cingindo a estátua e os lagos? Gostavas daquele pavimento preto e branco em forma de SS, que para os nossos avós constituía entretenimento caminhar sobre o serpenteado? Eles ali estão, reduzidos às proporções convenientes, a embelezar da mesma forma a histórica praça e a lembrar, aos que nisso sintam prazer ou orgulho, a pena dos desgraçados forçados que pacientemente a empedraram».

Estou a vê-lo embatucado, como que envergonhado da sua cólera, balbuciando evasivas, procurando rodeios para se justificar perante a melhoria indiscutível, por ser patente e verificável.

— «Vês como o Rossio não morreu? Até está mais alegre, mais animado e mais monumental. Morreria se não se tivesse renovado. Morreria, como as idéias e as instituições políticas e sociais que se não adaptam às condições da época, e como tu que, por não acompanhares o ritmo do teu tempo, por não enfrentares as necessidades e as aspirações dos teus contemporâneos, eras já, mesmo antes de faleceres, um morto para a vida social, uma pedra que a sociedade teria de remover do caminho, na sua marcha para o futuro. ¿Pois não está a praça muito melhor agora, com aquelas seis placas aos topos e aos lados, e a dupla via: uma, interior, exclusiva aos eléctricos; outra, exterior, para os automóveis, proporcionando mais desafogo e ordem ao trânsito; com aquelas duas passagens pelo centro que servirão para o estacionamento dos «autocars» quando Lisboa puder usufruir êsse grande melhoramento; com aqueles passeios laterais muito mais largos, permitindo que leias, sem estacionar, as últimas notícias da guerra nos «placards» do «Diário de Notícias» e do «Século»? ¿E o urinol subterrâneo não é muito melhor que o antigo, cilíndrico, de folha de ferro, inestético, indiscreto, fedorento e indecente?»

E ao dizer-lhe: — «Anda, confessa que erraste, que, vítima do teu mimoneísmo, fôste mais uma vez derrotado nas tuas idéias de impenitente reacçãoário» — parece-me ouvi-lo repelir assustado, como se de si mesmo se horrorizasse: — «Reacçãoário, eu?! Eu, reacçãoário!»,



Dois aspectos do Rossio de hoje — os ajardinados em volta dos lagos e com as três placas circulares, conservando o antigo empedrado.

SALÃO DE CHÁ - PASTELARIA

AGUIAR

A única casa que tem um salão
privado para Casamentos,
Banquetes etc.

Servem-se Lanches e Banquetes

17, R. do Carmo, 19
Telefone 2 4751
LISBOA



Deseja fazer uma auspiciosa entrada de ano?

Não hesite,
estree no dia
1.º do ano um
par de sapatos
comprados na

**SAPATARIA
VERSAILLES**

O calçado mais
chic de Lisboa, a
preços acessíveis
R. de Santa Justa, 96



Emissões em LÍNGUA PORTUGUESA

10.45	Noticiário	{	24.92 m. (12.04 mc/s)
			19.76 m. (15.18 mc/s)
			13.86 m. (21.64 mc/s)
12.15	Noticiário	{	24.92 m. (12.04 mc/s)
			19.76 m. (15.18 mc/s)
12.30	Actualidades	{	13.86 m. (21.64 mc/s)
21.00	Noticiário	{	41.75 m. (7.19 mc/s)
			31.75 m. (9.45 mc/s)
			30.96 m. (9.69 mc/s)
21.15 *	Actualidades	{	261.10 m. (1.149 kc/s)
			1.500.00 m. (200 kc/s)

(* Este período de Actualidades ouve-se também em 40.98 metros (7.32 mc/s).

Bucknall & Wright

CORK EXPORTERS

TELEFONES 23043 e 23044 - CABLES: LANKCUB

LARGO DO CORPO SANTO 28, 2.º

LISBOA

COMPANHIA DE SEGUROS

"La Preservatrice"

SEGUROS DE:

ACIDENTES DE TRABALHO, AUTOMÓVEIS, RESPONSABILIDADE CIVIL, DESASTRES PESSOAIS, INCENDIO, ROUBO, MARITIMO E GUERRA.

DELEGAÇÃO GERAL EM PORTUGAL

RUA NOVA DA TRINDADE, 2 — LISBOA
Telefones P. A. B. X. 2 9193 e 2 9194
PÓRTO — RUA DOS CLÉRIGOS, 82, 2.º

AGÊNCIAS EM TODO O PAIS

CERVEJARIA R. EUGÉNIO DOS SANTOS, 95 E 97
(EM FRENTE AO COLISEU)

PÉROLA

Telefone 25956

Ótimo serviço de cozinha
Todos os dias pratos especiais

A melhor cerveja a copo
Especialidade em mariscos

*Deseja a todos os seus estimados clientes
e amigos umas Boas Festas e um Novo
Ano repleto das maiores prosperidades*


PRODUTOS INGLESES
DE REPUTAÇÃO MUNDIAL:

- *Allenburys* Alimentos
Pastilhas
Bicarbonato de sódio
- *Termómetros* Hicks
- *Insulina* "A.B." etc.

REPRESENTANTES PARA PORTUGAL, ILHAS E COLÓNIAS
COLL TAYLOR, L.^{DA} — Rua dos Douradores, 29-1.º

LISBOA

Entre nós



O sr. Presidente da República inaugurou, há dias, no estúdio do S. P. N., uma Exposição de Fotografias do artista inglês Cecil Beaton. O Chefe do Estado, que era acompanhado pelos srs. general Amílcar Mota e capitão Carvalho Nunes, era aguardado por grande número de personalidades, entre as quais os srs. Embaixadores de Inglaterra e do Brasil; Sub-Secretário de Estado da Educação Nacional, António Ferro, director do S. P. N., doutor Marcelo Caetano, António Eça de Queiroz, etc.

Na Sociedade de Belas Artes, o Chefe do Estado inaugurou a 2.ª Exposição de Artes Gráficas. Entre cerca de sessenta expositores, figuram, representados em artísticos «stands», a Imprensa Nacional, Casa da Moeda, Instituto Geográfico e Cadastral, e outros organismos oficiais e particulares, constituindo os trabalhos expostos uma expressiva demonstração de arte e dos artistas que às artes gráficas têm dado o melhor do seu esforço em trabalhos de tipografia, litografia e encadernação.



A Caixa de Previdência e Assistência dos Oficiais e Tripulantes da Marinha Mercante Nacional comemorou o 16.º aniversário da sua fundação com uma sessão solene a que presidiu o Chefe do Estado, que teve a seu lado, na mesa de honra, os srs. Sub-Secretário de Estado das Corporações e Previdência Social; generais Amílcar Mota e Daniel de Sousa; comandante Peters, chefe do Departamento Marítimo do Centro; comandante Santos Tenreiro; D. João de Macedo Chaves, representante do Chefe do Distrito; comandante Raúl Faria; dr. José Gonçalves, pela Companhia Navional de Navegação; Bernardino Correia, pela Companhia Colonial de Navegação; e um representante do sr. Ministro da Marinha.

Para comemorar o 70.º aniversário da Associação de Socorros Mútuos dos Empregados no Comércio de Lisboa, realizou-se uma sessão solene a que presidiu o Chefe do Estado, secretariado pelos srs. dr. Trigo de Negreiros, sub-secretário de Estado das Corporações, general Amílcar Mota e os representantes do chefe do distrito e da Câmara Municipal, Usaram da palavra os srs. Carlos Queiroz, Mário Costa e dr. António Alves dos Santos Júnior. Após uma distribuição de diplomas aos sócios mais dedicados, o Chefe do Estado inaugurou a clínica de pediatria e puericultura e outros melhoramentos no internamento feminino.



Entre nós



Para comemorar o 19.º aniversário da sua fundação, o jornal «Novidades» organizou nas suas salas uma Exposição da Imprensa Católica Contemporânea. À sua inauguração assistiu o sr. Cardinal Patriarca, que proferiu uma notável oração.



O novo ministro do Japão em Lisboa, sr. Morito Morishima, entregou ao Chefe do Estado, em audiência especial no Palácio de Belém, as credenciais que o acreditam como Ministro Plenipotenciário junto do Governo português.

A F. N. A. T. organizou o almoço inaugural do seu novo refeitório de Alcântara, instalado no edifício do Frigorífico da Comissão Reguladora do Comércio de Bacalhau, ainda não inaugurado, mas em via de próxima conclusão, no qual duzentos empregados e operários podem obter, por 3\$00, sopa, um prato de peixe ou de carne, pão e café. Assistiu o sr. dr. Trigo de Negreiros, sub-secretário de Estado das Corporações.



O Salão de Chá—Pastelaria Aguiar—na rua do Carmo, 17-19—inaugurou a sua sala privativa para banquetes, com a realização do almoço do «Círculo Gomes de Sá», onde se prestou homenagem a «O Século» e ao seu director sr. João Pereira da Rosa, tendo o jornalista Leopoldo Nunes, numa palestra, evocado a obra de beneficência levada a efeito por aquêle jornal.

No Instituto de Cultura Italiana inaugurou-se o novo ano académico. Na mesa de honra sentaram-se os srs. dr. Lopes de Almeida, Sub-Secretário de Estado da Educação Nacional; Francesco Fransoni, Ministro de Itália; e doutores Fezas Vital, presidente da Junta Nacional da Educação; Cordeiro Ramos, presidente do Instituto para a Alta Cultura; e Azevedo Neves, reitor da Universidade Técnica. O sr. dr. Leite Pinto proferiu uma brilhante lição acerca da «Contribuição italiana para os estudos estatísticos».



Figuras da Vida
MUNDIAL



GENERAL CONDE DE JORDANA
Ministro das Relações Exteriores de Espanha
e que esteve alguns dias em Portugal onde a
sua visita constituiu mais um motivo para o
estreitamento das relações de amizade entre
os dois países da Península.

(caricatura de SANTANA)



Naquele tempo uma bicicleta custava 30 mil réis, uma motocicleta 150 e um automóvel, dos melhores, 3 contos de réis.

A Rua dos Fanqueiros, em Lisboa, onde estava instalado o nosso escritório desde 1901, chamava-se então Rua da Princesa, o nome da nossa Companhia era «Colonial Oil Company», e um litro de gasolina custava só 1 tostão.

Tudo mudou! Aquele tempo não volta mais – mas a época presente também há-de passar.

Deixará de haver falta de lubrificantes e combustíveis que tanto nos faz lembrar a outra guerra... que também passou como esta há-de acabar, para que possamos prosseguir no nosso objectivo, que é a nossa razão de existência: SERVIR ÚTILMENTE V. Ex.ª

SOCONY-VACUUM OIL COMPANY, INC.

Noite perdida

No tempo em qu'inda havia uns restos de boémia,
Perfeitamente louca, e muito pouco abstinência,
Quando um estudante alegre, andava o mês inteiro
A fazer grande luxa em ter pouco dinheiro
E no fato a esgarçar, mostrava, com vaidade,
A sua imprevidência e muita honestidade,
Eu lidei co'um rapaz. — Vergonha de estudantes. —
Mas bom, como era o pão que se fazia dantes,
Trigueiro, esbelto e magro, Em sua petulância
Não ligava à existência a mínima importância
E parecia trazer, num feltro à d'Artagnan,
Qualquer pluma arrancada a César de Bazan.
Com tal arte afrontava os parvos — face a face,
Não arredando pé, p'ra que um burguês passasse,
Detinha-se a atagar as crianças tuas,
E ajudava uma ceguinho a atravessar as ruas,
Consentindo, tão só, que a espinha se lhe dobre,
Ante o Belo, ante Deus e a gente humilde e pobre.
Com defeitos p'ra vida, inúmeros, diversos,
Além de tudo o mais, ainda fazia versos,
Quanta vez, noite velha, o pobre ia sozinho,
A mercê do acaso sem escolher caminho
Abrir seu coração, em largas caminhadas,
As estrêlas do céu tôdas lisongeadas,
Por verem qu'inda alguém se recordava delas!
E uma tal gratidão mostravam as estrêlas,
Que uma estrelinha cu outra às vezes lá descia
P'ra que o louco apontasse os versos que fazia,
Penso que era milagre, E, oh! Santo Deus, por quanto,
Nêsse rapaz havia um não sei quê de santo,
Ora certa vez, em que ao primeiro alvor,
Já depois de a cansar, dormira a sua dor
E recolhia exausto ao despontar do dia
Fendendo a custo o véu da névoa espessa e fria,
Divisou, entre a bruma e sob o vendaval,
A carreta sinistra e torva do hospital,
Que dois homens quaisquer, de recurvado busto,
Puxavam, praquejando, e com visível custo,
Na carreta o caixão mais triste e pobresinho
Que se haja feito, à pressa, em miserável pinho,
E à luz trémula e vaga, a lancinante cena,
Tornava-se mais triste e dava maior pena,
Porém, o que lhe fez mais compassivo só,
Foi ver seguir o morto abandonado e só,
Não tendo, nem sequer, como expressão de dor,
Uma baga de pranto em pétala de flor!
E o poeta entendeu de seu dever segui-lo,
Tanta vergonha e dor causava tudo aquilo,
«Quem seria Senhor?» Que lhe importava a êle
Uma vez que era crente e o seu dever aquêllo?
E à chuva, sob a lama e sob a ventania
Seguiu, fendendo a custo a névoa espessa e fria,
Num cemitério pobre a uma foi levada
Para a lama comum da vala escancarada,
Já um braço adestrado as tábuas lhe descerra,
Porque o pobre do morto iria corpo à terra,
Sem luzes, orações, nem mão que fôsse pôr
Um crisântemo roxo, a desgrenhar-se em dôr!
Ao tirarem da urna o corpo que se enrola
Num lençol a esgarçar, — talvez dado por esmola, —
A puidá mortalha, a um empuxão qualquer,
Rampeu, deixando ver um rosto de mulher,
Era o perfil banal duma rapariguita
Co'uma cara vulgar: nem feia, nem bonita,
De lindo havia nela a graça do sorriso
Dum'alma que no azul ascendia ao Paraíso,
Mas via-se, apesar do rictus sorridente,
Que padecera muito, e muito injustamente!
E o rapaz, a rezar, olhando-a se dizia:
«Quem seria, Senhor? Coitada, quem seria?»
Que estupendo pavor de inédita novela
Não devia ter sido a existência dela!

Mas o cadáver desce à derradeira cama,
Improvisada à pressa, em chão de neve e lama
A que o coveiro astra algumas paz de grada,
A repetir talvez o verso de Espronceda,
Co'a alma habitual do seu desdém profundo:
Que haja um cadáver a mais, que importa ao mundo?
E acabara-se tudo irreparavelmente,
Quando o rapaz se atasta, a reparar que sente
Uma saudade em si p'ra triste rapariga,
Igual à que nos deixa uma pessoa amiga,
Diz-lhe o coveiro assim: — «Então, meu patrãozinho,
Não terá por acaso uns cobres para vinho?
Fiz-lhe a cama a preceito e vá-se com a certeza
Que há-de dormir ali melhor que uma princesa...»
E o pálido poeta achava-se tão pobre
Que não tinha sequer uma moeda em cobre,
E o outro a insistir: — «Sinto-me entregado!
Seja por alma dela e Deus seja louvado!»
E o moço — pobre dêle! —: «Um'outra vez será!
Deixe estar, deixe estar, que hei-de voltar por cá!»
E seguia a sofrer a dôr da humilhação,
Imensamente injusta e fora da razão,
Quando o outro de pé sob o coval da morta
E numa desvergonha a que já nada importa
O respeito devido a terra tão sagrada,
Lhe diz, num riso mau, da boca desdentada:
— «Assombra e custa a crer que possa alguma gente
Atrever-se a negar um copo de aguardente
A quem, sob êste frio, anda a atascar-se em lama
P'ra lhe meter na cova os restos da madama!
Disfrutam-lhes o amor; e enquanto as sentem belas
Quantos andam p'raí, vivendo à custa delas!
Mas quando a morte vem, atiram-mas aos braços
E eu que as ature então, e os livre de embarcaçõ!
Matam-lhes muita fome, e acalnam-lhes os cios,
E a gente que as enterre a crédito, vadios,
Em vida, se calhar, comeste-lhe o dinheiro
Sem pensares em guardar um chavo p'ro coveiro!
Vai, meu pelintra, vai! Mas podes ficar certo
Que no fundo do Inferno ela há-de agradecer-to!»
E chamando a atenção dos guardas que passavam
— Que todos, sem excepção, com êle concordavam, —
La atirando a esmo insultos, gargalhadas,
Que zumbiam no ar com força de pedradas,
Inda se ouvia ao longe o último improperio,
Quando o pobre rapaz saiu do cemitério,
Vinha com a face a arder, da raiva e do vexame
De ouvir tanta torpeza àquela boca infame!
E, bem no fundo d'alma, o qu'inda mais lhe custa
É o que o Senhor lhe dêsse aquela dôr injusta,
Que o seu acto, Senhor! não era p'ra aplaudi-lo!
Mas não era também para merecer aquillo!
Via o poeta mal, Pois Deus p'ra lhe pagar,
Que outra compensação lhe poderia dar?
É que Deus pretendeu, com aquela imensa dôr
Engrandecer-lhe a acção e dar-lhe mais valor;
É que Deus, lá do céu, achou a acção tão boa
Que a perfilha, regista, acolhe e aperfeiçoa!
Co'a dôr da humilhação é que ficou completa
A simpática acção do pálido poeta,
Jesus quis-lhe mostrar que a máxima bondade
É feita no segrédo e sombra da humildade;
Que a devemos fazer, de preferência occultos,
Mas nunca p'lo temor de golpes nem de insultos;
Que a devemos fazer, mesmo aos que a não mereçam,
Contando, de antemão, que êles não agradeçam,
Mas que é mister espalhar muita bondade e amor,
Sempre, apesar de tudo, e seja como for!
E se Deus lhe quis dar aquela humilhação,
Foi só por lhe saber um'alma de eleição
E assim devia ser, Porquanto vos garanto
Que tinha êsse rapaz um não sei que santo.

ANTONIO CARNEIRO



AGORA QUE É NATAL...

O que vai comer na Consoada?

Uma crónica de *Manuela de Azevedo*

TENHO um amigo, tipo moço de neuramênico que, entre as muitas coisas que coleciona para o atormentar, há uma que realmente, fere a dignidade do seu estotismo intelectual e moral: comer. Comer, para ele, é um acto degradante que interioriza a espécie—a dáte—e cuja consumação lhe custa os olhos da cara—aparte a sonezinha em débito. E esse acto torna-se-lhe muito mais degradante, quando tem que exibir: comer num restaurante, num hotel, numa buvette—comer, finalmente, em público, sem aquele recato familiar, à porta fechada, sem parentes à mesa alegre.

Não sei se o meu amigo lou-
tuma vez as concepções que, a propósito deste acto simples mas incómodo—principalmente para as alibétricas—escreveu certo escritor italiano que teve descobertas fabulosas, em vésperas de enlouquecer...
De qualquer modo, eu que não ligo aos bons comeres—embora não me sirva de tódas as comidas— sempre gostava de assistir à ceia de Natal do meu amigo e de todas aquelas que, não sendo meus amigos são iguais a ele no desporto de comer...
O mundo abre hoje, vésperas de Natal, uma gúela imensa e larga para comer do bom e do melhor—quem tem para o comprar...
Quem tem para o comprar...
Não. Ponho de parte o choradinho corriqueiro da literatura da quadra: não vou ocupar-me de problemas sociais, a propósito dos po-

tres sem casa, sem pão e sem farpela. Acho muito bem que se distribuam bodes, que se façam pedidos, laminas, literatura de angustio, viradilha para dentro—e tudo o mais que a bóla do burguês convencional ceder do que lhe sobra, natalicamente falado. Mas tenho muita pena de que o orçamento de quem dá só se lembre da contracçãozinha obular mais ou menos uma vez por ano—esquidado de que, quem precisa, não pode ficar os restantes trezentos e sessenta e quatro dias—mas um, se o ano é bissexto—
Epifania, literatura, como tudo o que é convolução, não é mais do que máscara—para não dizer que ela própria é que é a máscara, aplicável às circunstâncias e aos factos—e é só ver como isto próprio salta aos olhos, na leitura dos linguçados do



Portugal, porém, não é Lisboa: é a consoada da Beira, com os fritos de abóbora e a sopa seca de bacalhau, onde nem pela Graça de Deus Nosso Senhor entrará a carne, que a noite é de abstinência: é Porto com o bacalhau fumegante, cozido com as batatas farinhaentas e os olhos de coque terno que estão mesmo a dizer: come-me, come-me!; é o Alentejo com o lombo de porco assado e Algarve com o peixe seco e saboreado...
E há, de norte a sul, os vinhos de Torres da Bairrada, do Dão, do Douro, do Porto—gotas de sangue e de ouro, lampangando nos copos finos de vinhos-deus e à minha Joana, a regar como elixir capcioso a alma de quem o ama...
Este é o Natal—o nosso Natal: com serões longos, vigílias intermináveis de uma véspera de consoada, entre o alugar das massas das filhas e corcões e o tacho grande de azeite; o porco que ficou, há dois dias, decidido do chambari e jaz agora na adega, repartido entre a salgadeira e os alqueirares, donde saíra o enchido saboreado; na adega, salta da pipa, a espumar, o vinho

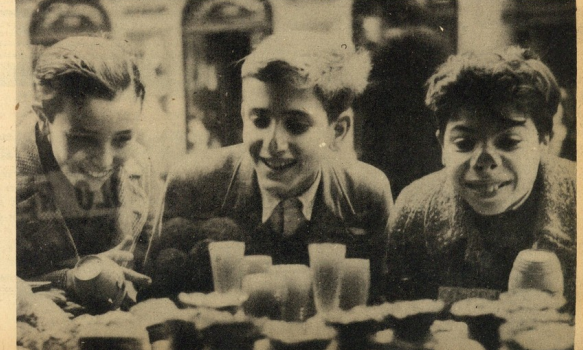
novo, verdadeiro de fazer dar estalinhos com a língua:
—Dela pingal!
E mesmo sem falar da alegria de uma toalha alva, coberta de guillemas—na cachos conservados, as nozes do passal, as maçãs canoacas e os fritos loiros de trigo—aquí está o Natal provinciano, com uma longa missa ao fim da consoada. A missa do galo, dita da meia noite, mas que se reza às 11 e a que os poetas e românticos ligaram extenso laço de neve e um corpo de crânio a fritir...
De resto, o Natal não é só das que se divertem e comem bem e descansado; há o Natal daqueles que o não têm: dos que estão no front. Lá, enquanto a nossa dona de casa dá tratos à cabeça para resolver o problema da multiplicação da mantiga—os generais resolvem problemas de divisões e de subtracções de algumas vidas. Estes—os que ficam e os que vão morrer—não têm Natal, embora o mundo os não esqueça: para os prisioneiros de guerra seguraram recentemente alguns barcos fretados pela Cruz Vermelha, com os presentes—prin-

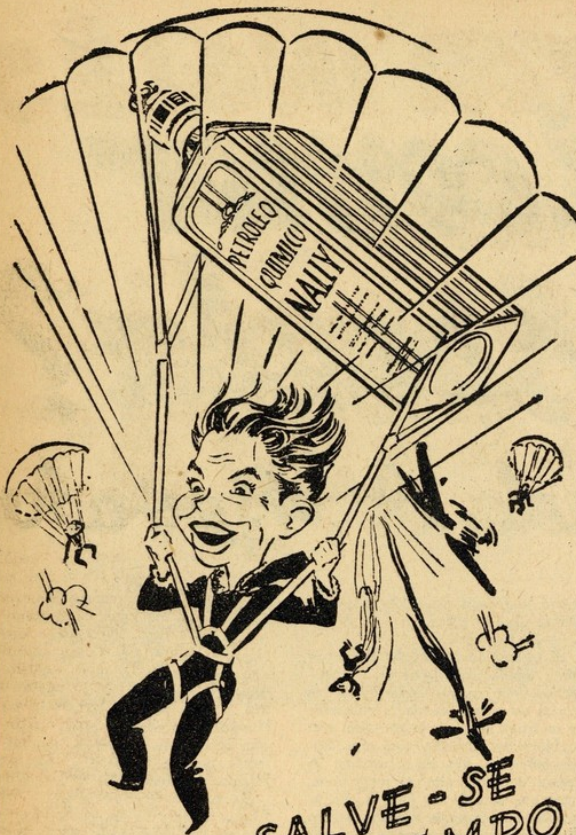
cipalmente coisas de comer. Muitos soldados têm 24 horas de tolerância de fôgo, para a consoada do Natal que assim lhes vão servir em casa: na França, as trutas, as galinhas coradas e o fete-greco... na Áustria, o peró com maça e mel; na Hungria o goulach—carne picada com cebolinhas, temperada com pigmenta paprika; a Bélgica, com as brigaças e os burguinhos *auventre*...
As montas enchem-se aqui e lá fora: o homem do negócio acumbar com um má, para poder criar a ilusão de uma fartura que não existe em parte nenhuma. As pastelarias vivem-se abastar e os confiteiros passarão de olho atento muitas horas para nos dar coisas mirabolantes, bôves de forma equívoca...
Há fartura... regresso de ovos, de açúcar, de tudo o que esteve oculto... Mas não é que se ocultam os anseios dos pequenos que não têm Natal e que defilam diante das montas provocadas?
Farão o inventário? Ficarão indiferentes às guloseimas que nos sonham a que sabem? Terão inventa ou cubija?
Quem os sabe!... Quem os sabe!...



jornal—desde o artigo de fundo, a secção neorológica...
Pois bem: eu sou anti-conventionalista—o que não quero dizer que não esteja aqui a escrever esta crónica que é a própria, uma convenção entre mim e o director:
—Que vamos fazer para o Natal?
Saber o que se come—ponho de parte o como se come—é, de resto, uma indolência que pode custar caro: meter o nariz na casa alheia, venciular a despensa até às fezes—querer dizer, ao calxote do lixo, onde adormecem vestígios de banquetes e resíduos de carapaus do gato, muito bons para quem não tem melhor...
O que se come pelo Natal? Evidentemente, um inquérito, nesta hora de provações—às vezes nem chegamos a provar...—seria de oportunidade flagrante:
—Tem mantega para o peró?
—Conseguiu açúcar para as filhas? E o azeite chego-lhe para as rabanadas sem ovos?
Uma dona de casa afilida havia de

me dizer que perdera o pacotinho dos 50 gramas de mantega; uma outra lamentaria que o carvão lhe não chegara para fritar os pastelinhos de bacalhau—quem o dera loiro e branco, muito branco e quente!...
Entretanto, em Lisboa, neste 3.º Natal de uma guerra que felizmente não temos—as montas continuam a ser coadivativas e os mercados regularmente tentadores...
Só de peró, sabe o leitor que a capital vai comer cerca de 5 milhões 360 mil galinhas, galos e frangos a que não faltará cerca de 4 milhões de ovos, para valorizar a carne?
Enfim: isto é Lisboa—a Lisboa da volta feia de peró, ali no largo de S. Domingos, passada para o Socorro; a Lisboa burguesa do lombinho de porco assado, do bolovê, das emboras populares; a Lisboa dos jura espiras, dos reventões, das miúdas atrepçadas que obrigaram o Eça afilido com alguma dor de estômago a correr o país, à procura de cozinheiro sem parentesco francês...]





**SALVE-SE
ENQUANTO É TEMPO
USANDO O MAIS SEGURO
PARA QUEDAS
DO CABELO**

PETRÓLEO QUÍMICO NALLY

Milhares de pessoas escaparam da calvície, fazendo diariamente uma curta aplicação deste antigo, reputado e eficaz preparado contra todas as causas da queda ou fraqueza do cabelo.

DEZENAS DE ATESTADOS MÉDICOS

Acção medicinal e produto de "toilette"!
Protege, cura, limpa e alinda o cabelo.

SÓ E SEMPRE

PETRÓLEO QUÍMICO NALLY

J. NUNES DA SILVA

AGENTE DEPOSITÁRIO DE
VINHOS DA MADEIRA
H. P. Miles & C.^a, L.^{da}

VINHOS DO PORTO
NIEPOORT
VINHOS ESPUMANTES NATURAIS
IRMÃOS UNIDOS

RUA DO CORPO SANTO, 16, 1.^o
Telefone 25498 LISBOA-PORTUGAL

Union Assurance Society Limited

SOCIEDADE INGLESA DE SEGUROS
Fundada em Londres em 1714

Agentes Gerais em Portugal :

ROCHA & OLIVEIRA

RUA DO BACALHOEIROS, 139-1.^o — LISBOA
TELEFONES 2 8082 A 2 8084 TELEGRAMAS: CAIALA

Sub-Agência no Norte :

RUA DE SANTA CATARINA, 130 — PORTO

BANQUEIROS :

Fonseca Santos & Viana — LISBOA
Midland Bank Ltd. — LONDRES

FABRICA DE LOIÇA DE SACAVEM

A maior Fábrica de Cerâmica fina da Península

FUNDADA EM 1580

Loiça de uso doméstico — Loiça de fantasia — Loiça sanitária: Retretes, bidés, lavatórios, etc. (branca, crème, azul, verde, preta, etc.) — Azulejos: brancos, de cor e pintados — Mosaico Cerâmico: grande variedade de padrões — O pavimento sem rival para cozinhas, quartos de banho, — terraços, hospitais, estabelecimentos de venda, etc. —

ARTIGOS DE 1.^a QUALIDADE

Séde e Vendas: Avenida da Liberdade, 49-59
LISBOA

BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA

RUA DO COMÉRCIO, 95 A 119
LISBOA

Capital. Esc. 22.000:000\$00
Fundo de Reserva Esc. 68.000:000\$00

Filiais: Pôrto, Coimbra, Braga, Faro e Covilhã.
Agências: S. João da Madeira, Santarém, Torres Novas, Gouveia, Estoril, Tortozendo, Abrantes, Mafra, Figueiró dos Vinhos e Torres Vedras

Dependências: Alcântara, Poço do Bispo, Conde Barão e Almirante Reis — Matozinhos
TÓDAS AS OPERAÇÕES BANCÁRIAS

FOI UM PINTOR INGLÊS

Quem inventou os ridiculos postais DE BOAS-FESTAS

FOI na feira da Ladrada, nessa exposição bi-semanal de velharias e inutilidades úteis — passe a contradição — que encontramos os extravagantes exemplares de postais que se reproduzem

e que na sua simbolização ingénua marcam uma época que não é distante, considerado o factor tempo, mas que se nos afigura longínqua se ponderarmos o factor gosto. Realmente, no conceito artístico da nossa geração, estes postais que se reproduzem são simplesmente execrands! Não que sejam de todo desajeitados os modelos fotografados, mas porque a composição revela um gosto tão Pires, uma imaginação tão piegas, que não há possibilidade, nos tempos que correm, de admitir que alguém lance mão de um postal deste género para desejar as boas-festas. O que isso teria de ridiculo!

Não pensava assim a geração para o gosto da qual esses postais foram feitos, e já agora queremos pedir desculpa aquêles que muitas vezes, nesta quadra festiva, os utilizaram como portadores dos seus sinceros desejos de boas e felizes festas. Podem crer que não há intenção malévola de deprimir o vosso gosto — o gosto de há 30 anos. Tudo evoluiu e forçosamente o senso estético não podia subtrair-se a essa lei inexorável da evolução. Daí o acharmos ridiculo aquilo que há três décadas era maneirinho, agradável, chique — vá lá o francesismo — no entender da camada peralta da época.

Mas fixem-se bem na composição desses postais! Reparem no cenário



ferrviário que serve de fundo à dama coroada com um chapéu meio garibaldino, meio «cow-boy», e que segurando o queixo com a sua mãozinha nos fixa sorridente. Não se sabe bem o que ela quer. Também não se sabe à puridade se vai partir, se já chegou. Mas para esclarecer dúvidas lá está a legenda que nos diz que ela nos deseja «felizes festas».

Os meios de transporte constituíam então matéria abundante para a postalografia. E assim podemos apreciar um velho «Renault» — esses tremendos autos de há trinta anos, com faróis de acetilene, que faziam mais ruído que um tanque de guerra em movimento — ocupado por uma gentil senhora com a cabecinha envolvida num véu de tule e a mão olímpicamente descansada sobre o volante da máquina, a olhar para nós, também com um ligeiro sorriso a animar-lhe o rosto. Parece dizer-nos: — «já cheguei e cá trago o ramo de flores, com os desejos de boas-festas».

É claro que na colecção não podia faltar a menina romântica, vestida de rendas, com a cabeça recostada nas mãos, o olhar em alvo, um sorriso vago no rosto cativante, a evocar o seu bem amado, um Romeu de loja de fanqueiro, cuja visão se desenha ao lado, numa attitude implorativa. E no mesmo gosto ridiculo temos ainda a costureirinha galante que foi retratada com a sua «Singer» fins do século passado, isto para que não restassem dúvidas sobre a honesta ocupação da simpática senhora. O rosto também apoiado na mão, a jarrinha de flores a animar o ambiente, ela é bem o simbolo de uma geração que passou, deixando atrás de si estas ingenuidades ridiculas dos postais de boas-festas maneirinhos e ceno-gra-





ficamente horríveis.

Temos pena de não haver à mão aqueles postais ainda mais maneirinhos do que estes que reproduzimos e que tiveram grande voga na Alemanha, nos fins do século XVIII, os quais, além da figura, eram enriquecidos com uma adicional tira de papel, muito bem dobrada e em que se escrevia aquilo que a cada um apetecia. Era uma espécie de postal-surpresa.

Verdadeiramente, o criador do postal ilustrado de boas-festas — o responsável involuntário portanto dos mamarrachos que posteriormente o mau gosto dos negociantes pusera em circulação — foi um pintor inglês dos meados do século XIX que dava pelo nome de Dobson. A ele se devem os «Christas-cards», ou bilhetes de boas-festas. E eis como eles nasceram: Dobson, querendo testemunhar a sua amizade a um amigo e julgando que a melhor ocasião para o fazer seria o Natal, pintou numa cartolina um grupo de amigos bebendo pelo ausente e enviou-lha. O pequeno quadro foi muito elogiado pelas pessoas a quem o destinatário o mostrou, e a origi-

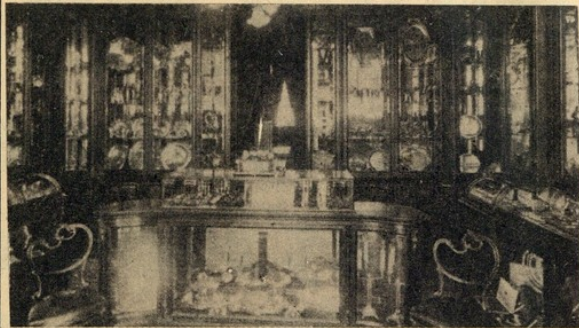
nal idéia logo teve imitadores. Nos anos seguintes começaram a circular nos correios, nesta época festiva, pequenos cartões ilustrados, e daí a pouco a indústria assenhoreava-se da idéia e punha em venda milhões de postais estampados nos quais predominavam as paisagens e motivos alusivos ao Natal. O pior foi depois, quando se descambou no ridículo das composições caricatas — automóveis, combóios, costureiras e meninas que sonham de olhos acordados.

Mas apesar do seu ridículo, esses postais fizeram furor na sua época; ajudaram a estreitar laços de amor e de amizade, contribuíram, enfim, para um melhor entendimento entre as pessoas. E isto é muito oportuno lembrar num tempo como este em que todos se empenham em andar desentendidos. Quási apetece, retornando em espírito à época desses velhos postais, pegar neles e endereçá-los às pessoas amigas. Seria ridículo, não há dúvida, mas ter-se-ia a ilusão de se viver num tempo mais feliz.

JOSE BARAO.



JOALHARIA LORY & C.^a
ROSSIO, 40 - Casa fundada em 1902 - LISBOA - Tel. 23248



Casa especializada em alta joalheria, com brilhantes de boa qualidade. Pratas artísticas que se distinguem pelo seu modernismo e bom acabamento. Oficinas próprias para transformações e reparações por preços muito moderados.



Reparações

As nossas oficinas reparam receptores, amplificadores, aparelhagem de cinema sonoro, etc.

DE TODAS AS MARCAS

THOMSON

GENERAL ELECTRIC

PORTUGUESA. L.^{da}

ESCRITORIOS
RUA DO NORTE, 5

Telef. 2 8135 — 2 8136
LISBOA

OFICINAS
RUA DAS FLORES, 115

DAVID DA SILVA, L^{da}
CAMISEIROS

agentes revendedores da afamada
marca de impermeáveis ingleses

BURBERRY'S

271, Rua do Ouro, 275 Telef 21817—LISBOA

EMPRESA DE VIAÇÃO

“Scalabitana”

Séde em SANTARÉM

Rua Guilherme de Azevedo, 51, 53

Telefone 188



O transporte ideal para todas as classes



Estação em LISBOA

Garage Navarro — Rua da Palma, 256

Telefone 2 5389

Figuras da Vida
MUNDIAL



SANTANA

O GENERAL GIRAUD
visto pelo caricaturista SANTANA

BECHSTEIN! Um nome que se encontra intimamente ligado ao dos maiores génios da Música que o mundo tem criado: — Bulow, Tausig, Rubinstein, Liszt, Wagner!

«O piano que mais alma tem é o Bechstein», disse um dia Eugene d'Albert. Na verdade, nenhum piano possui um som tão cristalino e susceptível de todas as modulações. Nenhum como ele é capaz de exprimir com igual fidelidade aquilo que o pianista deseja que ele exprima. Nenhum como ele soube captar a simpatia, a preferência dos grandes Mestres.

Antes de comprar um piano, ouça um BECHSTEIN nos

O piano dos grandes Mestres



HAVAS

ESTABELECIMENTOS
VALENTIM DE CARVALHO
SALÃO NEUPARTH
Rua Nova do Almada, 97
LISBOA

Companhia Nacional de Navegação

LINHA RAPIDA DA AFRICA OCIDENTAL E
ORIENTAL

“*Lourenço Marques*”

Sairá nos primeiros dias de Janeiro, recebendo carga e passageiros para:

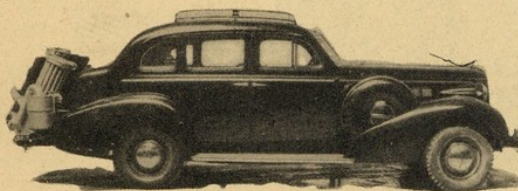
Funchal, S. Tomé, Sazaire, Loanda, Lobito, Mossamedes, Lourenço Marques, Beira, Moçambique e outros portos da Costa Ocidental e Oriental, sujeita a baldeação.

PARA ESCLARECIMENTOS E MAIS
INFORMAÇÕES:

Séde — Lisboa — Rua do Comércio, 85 — Telef. 23021
(6 linhas)

Sucursal no Porto — Rua Infante D. Henrique, 73 r/c.
Telef. 1434

GASOGENIOS SUECOS
MARCAS
PHILIPSONS



Philipsons, modelo K 7

ONZE MODELOS diferentes, para automóveis e camions, com cilindradas compreendidas entre 1^l e 6^l

Para entrega imediata ou montagem, dirigir-se à:

S P I D A

ESCRITÓRIOS: 43, R. Alexandre Herculano
OFICINAS: 28, Av. Casal Ribeiro
ARMAZÉNS: 123, R. do Salitre

Telefones { 44179
 { 44180
P. B. X. { 40495



Ello Special

CALCADA DA GLÓRIA

À MANEIRA... DO POVO

Ó meu Menino Jesus
Es a imagem do meu bem,
Tens uns olhitos azues
Que vêem como ninguém!

Já corri séca e meca,
Fui aqui e fui ali,
Irei dar a volta ao mundo
Jesus, por causa de ti!

Noite escura, tenebrosa,
Nem uma estrela se via:
Nasce o Menino-Jesus
Foi-se a noite, veio o dia.

Nem sempre chorar é triste
Nem ensombra o bom destino:
A Virgem chorou, chorou,
Quando nasceu o Menino!

Moram no céu as estrelas,
Os peixes moram no mar,
Tu moras no coração...
Mas andas sempre a mudar!

Pela velha chaminé
Veio o Menino-Jesus:
Trouxe um saco de carvão
Prêso num fio de luz...

Também trouxe um pacotinho
De manteiga — bela ideia! —
Eu, não sei se a coma agora
Se a guarde logo p'rá ceia.

Grande milagre, Menino,
Que se conta nos altares:
Andares nu, tão pequenino,
E nunca te constipares!

Eu não sei que simpatia
A minha alma por ti tem!
Mal é chegado o Natal
Não me lembra mais ninguém...

FRANCIS, BAILADOR



O Francis é bom bailador
Baila, baila, rodopia,
Baila, baila e assobia
E baila tudo em redor...

E diz à Ruth, coitada:
— Bailai, comigo, bailai!
E ela sente-se agarrada,
Baila na ar, desgrenhada,
Baila com êle, assustada,
E o Francis a deixa, voando.
— Ai, ai!

O Francis é bom bailador
Baila, baila, rodopia,
Baila, baila e assobia,
E baila tudo em redor...

E diz às «girls», bailando:
— Bailai comigo, bailai!
E elas cansadas, arfando,
Começam débeis, bailando,
E nos seus braços, tombando,
Uma tropeça, outra cai,
E o Francis as deixa, abalando.
— Ai, ai!

À MANEIRA... DO POVO

Ó meu Menino-Jesus
Não estudes mais. Para quê?
Tu já sabes mais latim
Do que os cônegos da Sé!

Volta p'ró céu, meu Menino,
Que a meia noite está dada.
Não te pregue a tua Mãe
Sermão e missa cantada!

Eu fui pôr o meu sapato
Na pedra da chaminé...
Alguém levou-me o sapato
Ficou viúvo o meu pé!

Ouve, Menino Jesus,
Ralha muito ao Pai do Céu:
Deu-me um boneco de neve
Que logo se derreteu!

Tenha um saco de cantigas
Que me custou um pataco.
Veio o Menino Jesus
E, por graça, abriu o saco...

Dorme, dorme, meu Menino,
Um soninho descansado,
Que o Papão adormeceu
Virado p'ró outro lado!

A tua terra é no Céu
Lá tão alto, meu Amor:
Vem ensinar-me onde fica
A porta do ascensor!

Foi encontrado um Menino
Ao canto da chaminé,
Filho da Virgem Maria
E do senhor São José!

Ó ambição tem cautela
Não peças, sem consciência
O Menino Jesus teve,
Mas já não tem paciência!

Nesta noite de Natal
Não sei o que hei-de fazer:
Viver contigo, não posso.
Deixar-te — não pode ser!

UMA PÁGINA DE LUIS DE OLIVEIRA GUIMARÃES



**PAPEIS EM TODOS
OS GENEROS
E PARA TODAS
AS APLICAÇÕES**

**IMPRESSÃO // COUCHÉS
PLUMA // EDIÇÕES // JORNAL
PAPEIS DE EMBALAGEM
SACOS DE PAPEL
FIO DE VELA**

**CARTOLINA // CARTÃO // PAPELÃO
LIVROS COMERCIAIS // ENVELOPES
ARTIGOS PARA ESCRITÓRIO**

AMADOR A. DOMINGUEZ & C.ª (FILHO)

ARMAZEM DE PAPEIS

RUA DOS CORREIROS, 70

LISBOA

Endereço Telegráfico: PAPIRO

Telefone 25854



EMISSÕES dos ESTADOS UNIDOS

EM LÍNGUA PORTUGUESA

(Recorte esta Tabela para referência futura)

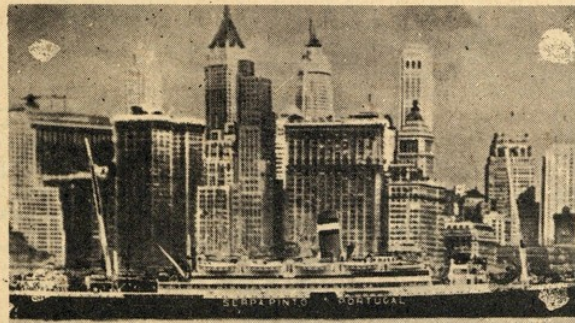
Horas	Estações	Dias	Ondas curtas
7.15	WDJ	Todos os dias	39.7 m (7.565 mc/s)
7.15	WRCA	3.ª feira a Domingo	31.02 m (9.67 mc/s)
7.15	WNBI	Só 2.ª feira	25.23 m (11.89 mc/s)
8.30	WRCA	3.ª feira a Sábado	31.02 m (9.67 mc/s)
8.30	WNBI	Só 2.ª feira	25.23 m (11.89 mc/s)
18.30	WDO	Todos os dias	20.7 m (14.47 mc/s)
19.30	WRCA	Todos os dias	19.8 m (15.15 mc/s)
19.45	WGEA	2.ª feira a Sábado	19.56 m (15.33 mc/s)
21.30	WGEA	Todos os dias	19.56 m (15.33 mc/s)
21.30	WDO	Todos os dias	20.7 m (14.47 mc/s)

**OIÇA a VOZ da
AMERICA em MARCHA**

COMPANHIA COLONIAL DE NAVEGAÇÃO

Serviço de carga e passageiros

LINHA RÁPIDA DA COSTA ORIENTAL — Saídas mensais regulares, com escala por: Funchal, S. Tomé, Sazaire, Luanda, Porto Amboim, Lobito, Mossâmedes, Lourenço Marques, Beira e Moçambique e para os demais portos da Costa Ocidental e Oriental, sujeito a baldeação em Luanda ou Lourenço Marques.



O paquete «Serpá Pinto»

LINHA RÁPIDA DA COSTA OCIDENTAL — Saídas mensais regulares, com escala por: Príncipe, S. Tomé, Ambriz, Luanda, Porto Amboim, Novo Redondo, Lobito e Benguela e demais portos da Costa Ocidental, sujeito a baldeação em Luanda.

LINHA DA GUINE — Saídas mensais regulares, com escala por: S. Vicente, Praia, Bissau e Bolama.

LINHA DO BRASIL — Para Rio de Janeiro e Santos, com escala por Funchal e S. Vicente. **LINHA DA AMÉRICA** — Para Nova York.

FROTA

VAPORES DE PASSAGEIROS — «Serpá Pinto», 8.267 Ton.; «Mouzinho», 8.374 Ton.; «Colonial», 8.309 Ton.; «João Belo», 7.540 Ton. «Guiné», 3.200 Ton.

VAPORES DE CARGA — «Pungue», 6.290 Ton.; «Malange», 5.050 Ton.; «Lobito», 4.200 Ton.; «Sena», 1.420 Ton.

ESCRITÓRIOS

LISBOA
Rua Instituto Virgílio Machado, 14
(à R. da Alfândega) — Tel. 2 0051

PORTO
Rua do Infante D. Henrique, 9
Telefone 2 342

A mulher dos outros

Comedia em 1 acto

por Luiz de Oliveira Guimarães

SALA dum «bric-à-brac». Portas laterais dando para várias salas. Porta ao fundo. Móveis de todos os estilos. Contadores. Mesas. Cadeiras de espaldar. Mochos estofados. — Azulejos. Candeeiros de latão. Jarras antigas. — Sobre um contador — um relógio de minuetes. Sobre uma cadeira — um violino. Sobre o bufete — uma jarra de faiança. Luz de fim de tarde.

D. Diogo, velho fidalgo que se dedicou ao negócio de «bric-à-brac». 60 anos. calvo, distinto, monóculo, ar de fidalgo. Está sentado a um bufete, escrevendo.

D. DIOGO (*instantes depois para um criado que surge, com um ramo de rosas brancas*) — Tudo arranjado, José?

CRiado — Sim, sr. D. Diogo. — O que não houve maneira de encontrar foram rosas vermelhas. Corri tudo...

D. DIOGO — É extraordinário. — Que abjeção de cidade! Só há alfaiate! (*Para o criado*) Bem. Deixa aí as rosas...

O criado poussa as rosas sobre uma cadeira e sai. — D. Diogo levanta-se, vai compôr as rosas sobre a jarra que está no bufete, enquanto trauzeia, num sorriso «La Donna é mobile».

BARÃO (*igualmente tipo de fidalgo, 50 anos, entrando pelo fundo, surpendendo D. Diogo*) — Dá licença, meu caro D. Diogo.

D. DIOGO — Viva, meu caro barão. — A sr.^a baronesa?

BARÃO — Regularmente. — A sr.^a D. Maria de Lourdes?

D. DIOGO — Menos mal. — Foi hoje passar o dia ao Estoril.

BARÃO — É a primeira vez, e conheço-o há vinte anos, que o vejo a cuidar de rosas...

D. DIOGO — Que quere? Comprei ontem esta jarra, faiança de Darque, armoriada... Admirável, não é?

BARÃO (*examinando como se fosse entendedor*) — Na verdade admirável!

D. DIOGO — Não sei se reparou já que as flores dão uma vida imprevisível às faianças... E então se as rosas fossem vermelhas...

BARÃO — Tenho visto poucas faianças de Darque como esta. — Cara?

D. DIOGO — Uma pechincha! — Cem mil réis, BARÃO — Esplêndido. (*Depois dum silêncio*)

— Novidades, D. Diogo, isto é... antiguidades.

D. DIOGO — Nada... (*De repente recordando-se, e apontando o violino, sobre a cadeira*) — Olhe: um violino...

BARÃO (*animando-se*) — Um violino? Fui um grande amante de violino nos meus tempos de rapaz... O D. Diogo sabe... A minha especialidade era a música sacra. Ao tempo que isso vai... É para vender, o violino?

D. DIOGO — Sim... Para vender.

BARÃO (*experimentando-o*) — O som é esplêndido... Então para música sacra! A minha especialidade... — O preço?

D. DIOGO — Se lhe interessa, aí o tem... É seu.

BARÃO — O D. Diogo confunde-me. — Oh! assim, não.

D. DIOGO (*num sorriso*) — Acha caro? — Não pensemos mais nisso. O violino é seu. — Mando-

lho amanhã.

BARÃO — Que gentileza! Muito obrigado. — Voltar aos meus tempos de rapaz... A música sacra! — Oh! mil vezes obrigado...

D. DIOGO — Em troca pedir-lhe-ei apenas...

BARÃO — O D. Diogo manda, não pede.

D. DIOGO — A maior discreção para uma confidência que vou fazer-lhe.

BARÃO (*curioso já*) — A mim?

D. DIOGO — Precisamente.

BARÃO — Juro-lhe D. Diogo, que saberei ser discreto.

D. DIOGO — Espero hoje aqui uma mulher.

BARÃO — Uma mulher? Bravo. — Uma paixão?

D. DIOGO — Por enquanto apenas um sorriso.

BARÃO — Quem me diria a mim que estas rosas...

D. DIOGO — São para ela.

BARÃO — Felicito-o. — É nova?

D. DIOGO — Vinte e três anos.

BARÃO — Excelente. — Solteira, não?

D. DIOGO — Casada — e honesta. — É precisamente por isso que eu lhe pedia, há pouco, a maior discreção. Uma palavra a mais — e que seria do nome e da reputação dessa mulher?

BARÃO — Uma mulher nova, bonita, casada, demais a mais honesta... Isso não é uma mulher: é a bemaventurança, é o Paraíso... E casada? Casada com quem? Com que animal?

D. DIOGO — Com o marido. — Ontem, de tarde, entregaram-me uma carta, letra de mulher. Papel azul, perfumado. Sinete de armas sobre lacre vermelho. Abri-a com alvoroço. M.^{me} Reticência — deixe-me chamar-lhe M.^{me} Reticência — dizia algumas coisas desagradáveis a respeito do marido e pedia-me um «rendez-vous».

BARÃO — Eu conheço M.^{me} Reticência?

D. DIOGO — Creio que não...

BARÃO — E o marido?

D. DIOGO — Creio que sim.

BARÃO — Quem será ele?

D. DIOGO — Telefonei imediatamente a M.^{me} Reticência. Ficou combinado que o «rendez-vous» se realizasse hoje, aqui, às cinco horas.

BARÃO — Faltam quinze minutos.

D. DIOGO — Virá? Não virá? Arrepende-se-ia? Teria sido uma «blague»? Uma mulher, meu caro barão, é sempre um enigma — sem resposta.

BARÃO — Onde viu o D. Diogo uma mulher — sem resposta?

D. DIOGO — Tem então a certeza de que ela virá?

BARÃO — A certeza. — Conheço as mulheres.

D. DIOGO — E entretanto essa mulher vai sair daqui tão imaculada — como entrou. Beijo-lhe apenas, e respitosamente — a mão.

BARÃO (*num assombro*) — Isso é imperdoável! Imperdoabilíssimo. Eu corto as minhas relações consigo. Então há uma mulher nova, bonita, casada, honesta — note, casada e honesta — que vem a sua casa cair-lhe nos braços e o meu caro D. Diogo limita-se a beijar-lhe a mão... e ainda por cima respitosamente. É indecoroso! É inaceitável! É estúpido! Eu nos seus casos fazia uma loucura, perdia a cabeça, cometia um atentado...

D. DIOGO — Ao pudor?

BARÃO — Ao matrimónio.

D. DIOGO — Dela?

BARÃO — Não. Ao meu. (*O criado entra, dirige-se a D. Diogo*) — Está lá fora uma senhora que procura o sr. D. Diogo. — Entregou este cartão.

D. DIOGO (*num relance, lendo*) Ela.

BARÃO (*para se retirar*) — Vou deixá-lo só... com a Deusa. Não quero importuná-los... Apareça logo, no Grémio.

D. DIOGO — Não. O barão agora não pode sair... De forma alguma. Iriam encontrar-se...

BARÃO — Jurei-lhe que seria discreto.

D. DIOGO — Mas não basta. (*Para o criado que espera*). Pode mandar entrar essa senhora...

CRiado — Sim, sr. D. Diogo.

D. DIOGO (*para o Barão*) — Tenha o meu caro barão a penitência de esperar ali naquela sala... Uma questão dum quarto de hora... O tempo de lhe beijar a mão.

BARÃO (*em aparte*) — Um quarto de hora só?

D. DIOGO — Porque não leva o seu violino? Teríamos — quem sabe? — o prazer de o ouvir como nos seus tempos de rapaz...

BARÃO (*pegando no violino*) — Oh! uma idéia, D. Diogo! Uma idéia (*saindo pelo fundo*). — Fui um razoável amador... Música sacra, sobretudo...

BARONESA (*loira, fresca, 30 anos, entrando num grande sorriso, para D. Diogo*) — Disse-lhe que vinha, vim — Pontualidade britânica.

D. DIOGO — Beijo a sua mão. (*Conduzindo-a a uma cadeira*). Talvez aqui, sr.^a baronesa... (*numa galerteria*). Sabe que entro estes móveis velhos me parece mais nova ainda!

BARONESA — É dos seus olhos.

D. DIOGO — O nosso barão como está?

BARONESA — Cada vez mais rubujento — e cada vez mais velho, Cheio de cabelos brancos.

D. DIOGO (*apontando a sua calva*) — Como eu.

BARONESA (*intencional*) — Sabe que eu adoro os homens calvos. É uma verdadeira idolatria.

D. DIOGO — Minha mulher é a mesma coisa. BARONESA (*levantando-se e indo ver um quadro pendurado na parede*) — Este pintor ainda vive?

D. DIOGO — Morreu há quasi um século.

BARONESA — Devia ter muito talento... Pintava as senhoras com os cabelos como hoje! (*voltando a sentar-se*) — O D. Diogo devia ter achado estranha a minha carta, não é verdade? Vamos, confesse...

D. DIOGO — De facto — para que negá-lo? — a sua carta surpreendeu-me.

BARONESA — Escrevi-a com o coração.

D. DIOGO — Como o seu coração é perfumado!

BARONESA — Fechei-a com uma lágrima e com um sorriso. Com uma lágrima, porque é sempre triste ter de confessar a alguém a nossa própria desgraça; com um sorriso porque esse alguém iria ser um doce refúgio para mim... É necessário que eu lhe conte tudo. — Meu marido não se importa nada comigo. Parece que o masso, que o aborreo, que o enfado...

D. DIOGO — O sr. barão fala-me sempre de si com ternura e com a maior amizade. Sempre.

BARONESA — Os homens nem sempre dizem o que pensam! A minha vida é um pavor, é um inferno...

D. DIOGO (*absorto*) — É extraordinário! Não imaginava...

BARONESA — Creio que a nossa situação não pode manter-se muito tempo. D. Diogo.

D. DIOGO — É lamentável... Entretanto não haverá qualquer mal-entendido... As vezes há absurdos que depois se desfazem...

BARONESA — Entre meu marido e eu está aberto um abismo. Só há uma solução. D. Diogo...

D. DIOGO — Lamentável, muito lamentável... Pois não imaginava... Nem minha mulher. de certo...

BARONESA — Conto consigo. D. Diogo.

D. DIOGO — É em que posso eu ser-lhe prestável?

BARONESA — Olça. D. Diogo — e perdê-me. Quero que saiba tudo. O meu casamento — não o ignora — não foi um casamento de amor: foi um casamento de conveniência. Meu marido era rico... Questões de família... Um erro tremendo. Quasi desde logo, se estabeleceu entre meu marido e mim um doloroso mal-estar... Doloroso, mas inevitável. Diferença de idades, de temperamento... Aparentemente, e até aos olhos das pessoas íntimas, parecia que vivíamos felizes e tranqüilos... O que eu mentia, o que eu dissimulava! Só Deus sabe o que tem sido, há 1 ano, a minha vida!... Isto tinha de acabar. Podia ter sido hoje, amanhã... Não foi: foi ontem...

D. DIOGO — Ontem?

BARONESA — Não, não pude mais... Descobri que ele tinha uma amante... uma bailarina de terceira ordem.

D. DIOGO (*formalizado*) — De terceira ordem? Mas isso é imperdoável... O barão! Um homem de bom gosto! Um perfeito fidalgo.

BARONESA — Imagine, uma bailarina! — Que faria o D. Diogo nos meus casos?

D. DIOGO — Nos seus casos... Nos seus casos... Precisamente...

BARONESA — Vingava-se, não é verdade?

D. DIOGO — Divorciava-me... Era uma solução.

BARONESA — Uma solução demasiadamente masculina — para ser usada por uma mulher. — A minha vingança é outra, muito diferente...

D. DIOGO — Mais feminina então?

BARONESA — Muito mais... Incomparavelmente mais... Preciso de arranjar um amante. Mas para isso — preciso de si: do seu auxílio...

D. DIOGO (*sem compreender*) — Não vejo bem em que lhe possa ser útil...

BARONESA — Em muito. — Em tudo.

D. DIOGO — As ordens de V. Ex.^a, sr.^a baronesa.

BARONESA — O D. Diogo é um homem de bem, é um perfeito fidalgo...

D. DIOGO — Muito obrigado.

BARONESA — Acredite. Gostaria de viver sempre ao pé de si.

D. DIOGO — Muito obrigado.

BARONESA — A sua volta respira-se uma doce atmosfera de bondade, de ternura e de carinho que nos faz bem...

D. DIOGO — Muito obrigado.

BARONESA (*num suspiro*) — Se o D. Diogo não tivesse já compromissos, se o D. Diogo fosse solteiro...

D. DIOGO — Na minha idade, sr.^a baronesa... BARONESA (*interrompendo*) — Olça! Não quero que me trate por «senhora baronesa»: quero que me trate por Suzette. Ouviu? Por Suzette...

Se me trata por «senhora baronesa» zango-me... D. DIOGO — Sim, senhora... Senhora D.^a Suzette.

BARONESA — Só por Suzette... sem o dono. Combinado?

D. DIOGO — Mas... BARONESA — Combinado. Pronto.

D. DIOGO — Nesse caso também eu tenho o direito de fazer exigências: quero que me trate por... Diogo. Diogo só...

BARONESA — Deixe experimentar. Assim: «que calor que hoje está, Diogo!» — Ai, credo, fica tão mal! Diogo só, não... Como há-de ser? (*depois dum silêncio*) Ah! já sei: «mon chéri». — Gosta?



D. DIOGO — Na minha idade, Suzette, não será comprometedor «mon chéri»?

BARONESA — Não. D. DIOGO — Tem a certeza?

BARONESA — A certeza. (*Começa-se a ouvir, fora, um violino. Música de igreja*) — Oh! um violino... Que é aquilo, mon chéri?

D. DIOGO (*embaraçado*) — Nada... Uma caixa de música.

BARONESA — É ali naquela sala?... Gostava de ver...

D. DIOGO — Impossível. — É uma caixa de música que há no segundo andar...

BARONESA — Parece que anda, que se mexe...

D. DIOGO — É muito viva... BARONESA — Eu adoro a música... (*ouvindo*) Parece música de igreja, não parece?

D. DIOGO — É. É a especialidade da caixa. Pertenceu durante muito tempo a um cônego da Sé.

BARONESA — É curioso. — Gostava imenso de saber...

D. DIOGO — Caixa de música? BARONESA — Violino... Violino bem tocado é um amor...

D. DIOGO — Creio que seu marido tocava, em rapaz...

BARONESA — Ouvi dizer... Aos anos que isso deve ter sido!

D. DIOGO — O tempo passa... BARONESA (*ouvindo o violino que ainda não deixou de tocar*) — A caixa de música tem imensa corda...

D. DIOGO — Efectivamente... tem imensa corda. (*Esquecendo-se de repente*) — O sr. barão toca também música sacra. É a sua especialidade.

BARONESA — Não toca: tocou em rapaz... É mal, muito mal, dizem...

D. DIOGO — Nunca me lembro! É isso, é. Precisamente há quarenta anos... Como o tempo passa!

O CRIADO (*anunciando*) — O sr. dr. Noronha... Pergunta se pode falar a V. Ex.^a.

D. DIOGO — Peça desculpa ao sr. dr. Noronha. Que me não é possível falar-lhe agora...

BARONESA (*atalhando*) — Oh! não. Não... De forma alguma. Sou eu que me retiro...

D. DIOGO — Mas... BARONESA (*num sorriso*) — Perdê que eu mande em sua casa...

D. DIOGO (*para o criado*) — O sr. dr. Noronha que tenha a bondade de esperar cinco minutos...

BARONESA — Conto consigo. D. Diogo? D. DIOGO — Ainda não me disse para quê.

BARONESA — Admiro que o não tivesse adivinhado...

D. DIOGO — Mas, para... para... BARONESA — Sim, meu amor, mon chéri... para isso mesmo... para ser meu amante. (*Tirando uma rosa*) — Deixa-me levar esta rosa?

D. DIOGO — Essa não, tôdas... Tinha-as aqui para lhas dar... Não queria que tivesse vindo ao meu «bric-à-brac»... e não levasse uma recordação... Bem sei que as rosas são recordações que se desfolham...

BARONESA — Estás não se desfolharão mais... Destas rosas outras hão-de nascer e dessas outras muitas mais... — E agora até quando?

D. DIOGO — Quando quiser, Suzette.

BARONESA (*preparando-se para sair e estendendo-lhe a mão*) — Até amanhã... Tem até amanhã para pensar...

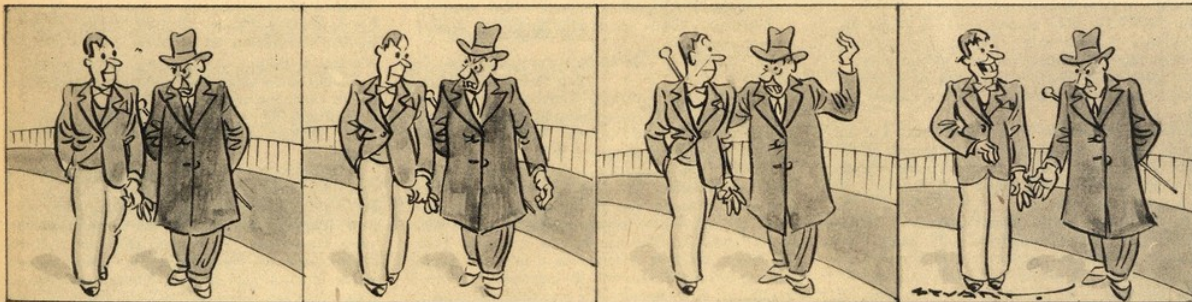
D. DIOGO (*numa mesura*) — Beijo a sua mão.

D. DIOGO (*acompanhando a baronesa, sai também*).

BARÃO (*que tem seguido do fundo, sempre tocando o seu violino, estas últimas cenas, deixa cair o violino*) — É fantástico! É incalculável! É ultra incomensurável! — (*Depois desorientado, não encontrando o chapéu e pondo na cabeça às três pancadas, o de D. Diogo e saindo, numa tempestade*) — Nunca aconselhamos aos maridos das outras aquilo que não queremos que façam às nosas mulheres...

LUIZ D'OLIVEIRA GUIMARÃES

Felicidade doméstica ~ por Stuart de Carvahais



— Vives feliz?
— Muitíssimo...
— Pois a minha vida — lá em casa — é um inferno...

— Grita a mulher, berram os filhos, a sogra insulta-me... os cunhados, calcula tu, até êsses me descompõem...

— E mais... As criadas refilam e a porteira resmungo porque não limpo os pés... Até o cão me ladra ao estar em casa...

— Sempre há-de haver alguém que não diga nada...
— Há, filho, sou eu...

Garland, Laidley & C., Limited

Agentes gerais em Portugal das Companhias de Navegação:

BLUE STAR LINE:

Carreiras regulares de paquetes rápidos para os portos da *América do Sul*, *Austrália* e *Nova Zelândia*. Passagens de 1.ª classe e carga de porão e frigorífico.

BOOTH LINE:

Carreiras regulares entre *Inglaterra*, *Lisboa* e os portos do *Norte do Brasil*. Passagens de 1.ª e 3.ª classes e carga.

CUNARD WHITE STAR LINE:

Carreiras entre *Inglaterra* e *França* e os portos da *América do Norte*. Os mais rápidos, maiores e mais luxuosos paquetes. Passagens de todas as classes e carga.

LAMPSON & HOLT LINE:

Carreiras de *Inglaterra* para os portos da *América do Sul*. Passagens de 1.ª classe e carga.

YEOWARD LINE:

Carreiras regulares entre *Inglaterra*, *Lisboa*, *Ilhas Adjacentes* e *Canárias*. Passagens de 1.ª classe e carga.

LISBOA:

Travessa do Corpo Santo, 10-2.
Telefone 2 3311/3

PÓRTO:

Rua Infante D. Henrique, 131
Telefone 348/349

Ender. Telegr. «GARLAND»

SEGUROS



A MUNDIAL

O MAIOR ORGANISMO SEGURADOR PORTUGUES

Capital 5.500 contos

Sinistros pagos

(até 31 de Dez. 941)

130.813 contos

Reservas 61.248 contos

Séde em Lisboa: Largo do Chiado, 8

Filial no Pôrto: P. Gomes Fernandes, 10

AGENTES POR TODO O PAIS

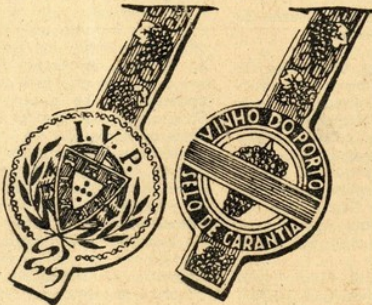


1942

O

VINHO do PORTO
dos velhos tempos—corre
o País autenticado pelo

SÊLO de GARANTIA



NOVO HORÁRIO
NOTICIÁRIO EM LÍNGUA PORTUGUESA
TODOS OS DIAS

Horas	Estações		
	2 RO 4	m. 25.40	Kc/s 11.810
8,50 Noticiário	2 RO 21	m. 19.92	Kc/s 15.060
12,20 Comunicado	2 RO 8	m. 16.84	Kc/s 17.820
Q. G. I.	2 RO 17	m. 15.31	Kc/s 19.590
	2 RO 7	m. 16.88	Kc/s 17.770
14,10 Noticiário	2 RO 21	m. 19.92	Kc/s 15.060
	2 RO 11	m. 41.55	Kc/s 7.220
22,40 Noticiário	2 RO 22	m. 25.10	Kc/s 11.950
		Ondas médias	
22,40 Noticiário		m. 221.1	
		m. 263.2	
	2 RO 6	m. 19.61	Kc/s 15.300
0,00 Noticiário	2 RO 18	m. 30.76	Kc/s 9.760
	2 RO 19	m. 29.04	Kc/s 10.330

CONVERSAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA

21,20 (Domingo)	m. 25.70	Kc/s 11..95
21,20 (Quarta-feira)	m. 30.52	Kc/s 9.830

HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

* por Carlos Ferrão *

Capítulo XVI - nas vésperas do desenlace

1

A DEFESA DA LIBERDADE DOS MARES

A primavera de 1941 foi o período em que a opinião pública norte-americana aderiu ao ponto de vista oficial e se convenceu da necessidade de uma intervenção directa nos campos de batalha. A evolução desse período foi assinalada por uma série de discursos de importância histórica, especialmente os que fez o presidente Roosevelt, tático consumado conhecendo melhor que os seus adversários políticos a natureza dos argumentos capazes não apenas de convencer mas de comover os seus compatriotas.

O cuidado principal de Roosevelt consistiu em trazer, constantemente, o povo americano ao corrente dos acontecimentos internacionais e da sua evolução. Esta tarefa, desempenhada com incontestável sinceridade e boa fé, acabou por lhe dar a confiança da maior parte dos seus concidadãos. Os adversários dos Estados Unidos consideram o presidente Roosevelt um fautor de guerra, acusando-o de ter instigado ao belicismo. Nenhum elemento concreto há que justifique a afirmação. Mas é incontestável que, muito antes que as hostilidades, no outono de 1939, se tivessem desencadeado na Europa, o presidente considerava, intimamente, que a guerra era inevitável e calculava que o seu país, cedo ou tarde, acabaria por tomar parte nela. O seu belicismo era uma consequência da visão realista dos acontecimentos que já o guindara à mais alta magistratura da nação e orientava todos os seus actos.

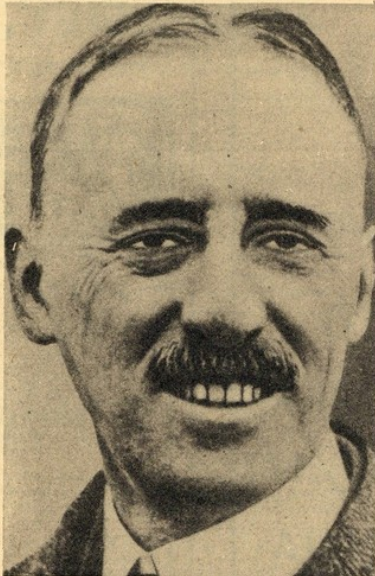
Receoso, e com fundamentada razão, de que uma grande parte da opinião pública norte-americana o não acompanhasse, dada a dura experiência da última conflagração, o presidente foi procurando convencer com a prova dos factos que, é forçoso reconhecê-lo, jogaram quase sempre a favor dos seus conhecidos pontos de vista. Cada um dos degraus que percorria era um preparatório para subir o degrau seguinte. Havia, nas suas palavras como nos seus actos, um encadeamento lógico. Os seus adversários eram quase sempre obrigados a recorrer a argumentos de ordem sentimental que as razões de ordem política acabavam por dominar. Quando era necessário tomar decisões, algumas delas de incontestável gravidade, fazia-as proceder de explicações persuasivas, dadas pessoalmente ou por intermédio dos seus mais dedicados colaboradores e da imprensa.

A PRIMAVERA DE 1941

Durante a primavera de 1941, o crescendo do intervencionismo americano foi marcado por três factos essenciais: a abertura do Mar Vermelho e do golfo de Aden à navegação, o alargamento do limite das patrulhas navais

norte-americanas no Atlântico e a proclamação do estado de emergência nacional, passo essencial para que o país entrasse praticamente no caminho da guerra e dos preparativos para ela. Todas estas decisões foram tomadas à luz de duas directrizes fundamentais da política externa norte-americana: a necessidade de manter livres as rotas marítimas e a conveniência de preparar uma força armada capaz de repelir um ataque eventual ao continente americano. As outras medidas tomadas, as quais constituíram um corolário daquelas que indicamos, diziam respeito ao auxílio a prestar à Grã-Bretanha.

Foi em 11 de Abril que o presidente Roosevelt lançou a sua proclamação declarando que o Mar Vermelho e o golfo de Aden deviam consi-



Stimson, Secretário do Estado da Guerra do governo norte-americano.

derar-se abertos à navegação americana. Os ingleses tinham praticamente ocupado a Etiópia e esse facto justificava a atitude do presidente dos Estados Unidos. O fornecimento de material de guerra às tropas britânicas que começavam a concentrar-se em grande número no Próximo Oriente e àquelas que se batiam na Líbia e o respectivo transporte passavam assim a estar assegurados. O Egipto, que oficialmente era considerado país não beligerante, passava também a beneficiar desses fornecimentos.

No mesmo dia, o presidente dirigiu uma mensagem ao Congresso pedindo que lhe fossem conferidos poderes para requisitar os navios estrangeiros que se encontravam imobilizados em portos norte-americanos. Esta medida entendia-se com os navios alemães e italianos

que, em número de algumas dezenas, estavam nessas condições. Este procedimento deu origem a um protesto que não excedeu os limites consagrados pela diplomacia em casos desta natureza.

Simultaneamente o presidente anunciou a assinatura dum acordo com o ministro da Dinamarca em Washington, Kauffmann, pelo qual a Groenlândia passava a estar sob a protecção dos Estados Unidos. Esta resolução não deixou de causar justificada surpresa nos Estados Unidos e no estrangeiro.

A RESPOSTA AMERICANA

Na semana seguinte o secretário de Estado para os negócios estrangeiros, Cordell Hull, num discurso radiodifundido, declarou que os Estados Unidos tomariam as providências necessárias para que os abastecimentos e o material de guerra enviados dos Estados Unidos chegassem a Inglaterra no mais curto prazo de tempo. E o seu colega para a marinha, coronel Knox, acrescentava, no mesmo dia: «Hitler não impedirá que os nossos abastecimentos cheguem a Inglaterra. Se o tentar, será derrotado. Não consentiremos que os nossos navios que transportam esses abastecimentos sejam afundados no Atlântico. Cumpriremos, integralmente, a nossa promessa de ajudar a Inglaterra».

Os jornalistas, na habitual reunião de imprensa, dada algumas horas depois pelo presidente, perguntaram-lhe se ele concordava com aquelas declarações, tendo recebido uma resposta afirmativa. Iam os Estados Unidos enveredar pelo caminho de organizar combóios marítimos protegendo-os com as unidades da sua marinha de guerra? A resposta a esta pergunta envolvia a explicação de dois factos: 1.º) era necessário alargar o limite das águas que, simbolicamente, asseguravam a defesa do continente americano; 2.º) era necessário saber se o governo norte-americano estava decidido a fazer correr aos seus navios o risco de serem torpedeados pelos submarinos do «Eixo» quando, longe das costas continentais da América, se empregassem no transporte de material de guerra.

As afirmações do presidente provocaram, como era natural, um algar de escudos unânime no campo dos isolacionistas. Roosevelt foi acusado de querer, definitivamente, envolver o país na guerra e de estar abusando dos poderes que lhe haviam sido conferidos pelo Congresso para praticar actos que não mereciam a aprovação da opinião pública norte-americana. O presidente respondeu, com uma grande vivacidade, às críticas que lhe foram feitas e formulou um libelo, mais violento que os precedentes, contra o isolacionismo e os isolacionistas. O coronel Lindbergh, julgando-se pessoalmente atingido por alguns dos reparos que o presidente formulara, pediu a sua demissão de oficial da aviação norte-americana. Este gesto de renúncia presagiava o abandono de uma causa cuja justificação começava a tornar-se difícil à medida que o prestígio do presidente aumentava e os seus pontos de vista eram justificados pelos factos.

UM DISCURSO DE STARK

O almirante Stark, comandante chefe da esquadra americana, discursando na Câmara de Comércio dos Estados Unidos, revelou que as patrulhas navais, por sua ordem, tinham alargado a sua acção até meio do Atlântico, vigiando paragens que se encontravam a mais de três mil quilómetros das costas do seu país. E o presidente voltou a falar em público, para dizer que os navios norte-americanos não hesitariam mais em entrar nas zonas de guerra, desde que isso se tornasse necessário para a defesa da América. Ao mesmo tempo pedia à Comissão Marítima norte-americana para preparar a construção de dois milhões de toneladas de navios mercantes destinados a ser utilizados pela Grã-Bretanha. A extensão da distância a que as patrulhas navais norte-americanas actuavam, significava a obrigação, para estas, de assinalarem a presença de navios do «Eixo» onde quer que se encontrassem. Significava esta resolução que as patrulhas americanas deviam, em seguida, assinalar à navegação britânica a presença desses submarinos? As perguntas feitas para esclarecer esse ponto fundamental não foi dada nenhuma resposta em Washington.

Os alemães tinham feito a declaração oficial de que qualquer barco dum país neutral que entrasse na zona do bloqueio que haviam demarcado, em volta das ilhas britânicas, seria afundado. Nem o governo nem as autoridades navais norte-americanas pareciam impressionar-se com essa declaração. Nenhum americano duvidava que se uma patrulha que ostentasse o pavilhão estrelado encontrasse um submarino alemão, ao encontro se sucederia o combate.

A Comissão Marítima, por ordem do presidente, tomou as medidas necessárias para que fôsse, rapidamente, postos à disposição do governo britânico alguns petroleiros. Aproveitando a oportunidade que lhe fornecia a visita de algumas missões navais sul-americanas, o secretário de Estado para a guerra, Stimson, afirmou que a esquadra norte-americana se arriaria nas zonas interditas e explicou esta decisão acrescentando que se a Grã-Bretanha viesse a sucumbir na luta em que se envolvia, a capacidade de construção naval das potências europeias do «Eixo» seria incomparavelmente maior do que aquela que era legítimo atribuir aos Estados Unidos.

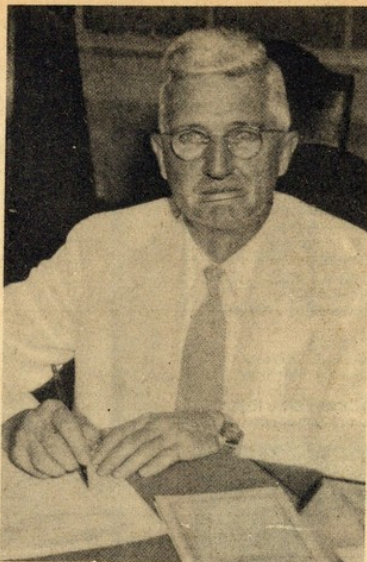
AS RELAÇÕES COM A FRANÇA

O discurso de Stimson seguiu-se de perto a uma declaração pública feita por Churchill de que a Inglaterra mantinha aberto o caminho do Atlântico com perdas elevadas e que se tornava urgente que lhe fosse fornecido um auxílio maior em navios mercantes.

A França fazia, nessa altura, um passo decisivo no caminho da colaboração com o Reich. O presidente tratou o assunto publicamente, num discurso radiodifundido, em que afirmou a sua convicção de que a nação francesa não realizaria nenhum acto que pudesse conduzir a uma aliança eventual com o adversário da véspera, pois nesse caso a posição especial de Dakar e o perigo que nela representava para a segurança do continente americano teriam de ser objecto de um novo exame por parte do governo de Washington. Para demonstrar, publicamente, que as suas palavras poderiam traduzir-se em actos, o presidente determinou a ocupação do transatlântico «Normandie». Depois deste magnífico barco foram ocupados mais doze cargueiros franceses surtos em portos americanos, o que provocou um protesto diplomático sem consequências.

Ao protesto, apresentado pelo embaixador do governo de Vichy, Henry Haye, respondeu publicamente Cordell Hull, dizendo que cabia ao marechal Pétain e aos seus colaboradores fazerem a demonstração de que as suas relações com o Reich se não traduziam por uma subordinação completa à vontade dos dirigentes de Berlim.

Com a tendência crescente que se manifestava em França a favor da política de colaboração com o Reich, coincidia a série de vitórias militares que os exércitos alemães alcançavam nos Balcãs. Os países balcânicos eram uma zona nevrálgica de cuja política o presidente e o Departamento de Estado conheciam todos os pormenores depois da missão do coronel Donovan. O que ali se passava não constituía, decerto, um motivo de surpresa para



Almirante Stark

os governantes americanos. Mas a rapidez com que a resistência jugoeslava e grega havia sido reduzida, servia, mais uma vez, para confirmar o valor da máquina militar do Reich e da sua eficiência. Longe de se mostrarem desencorajados por esse facto, o presidente e os seus colaboradores, começaram a manifestar, a partir dessa data, o seu propósito de intensificarem o auxílio à Grã-Bretanha.

A CONDENAÇÃO DO NAZISMO

Esta decisão aparecia claramente marcada no discurso que o presidente dirigiu, em 27 de Maio, aos representantes das nações sul-americanas em Washington: «A guerra iniciada na Europa, declarou ele, transformou-se numa guerra para alcançar o domínio do mundo como sempre foi intenção dos nazis. Hitler nunca pensou que o domínio da Europa fosse um fim em si. A conquista da Europa era um passo, e um passo importante, para a conquista dos outros continentes». Para defenderem o continente americano é que os Estados Unidos haviam concertado acordos com as restantes repúblicas do hemisfério ocidental, preparando a frente comum contra uma agressão eventual. Ao mesmo tempo estavam a reforçar poderosamente a sua esquadra e tratavam da organização rápida de um exército que devia ser dos mais completamente preparados e equipados em todo o mundo.

A guerra, entretanto, projectara a sua sombra até o continente americano. Depois de Junho de 1940, a Grã-Bretanha ficara sózinha no combate às potências do «Eixo» e por isso se impunha a obrigação de lhe prestar auxílio até o limite máximo das possibilidades americanas.

Para o presidente, a guerra aproximava-se, a passo agigantados do hemisfério ocidental, e a ocupação pelas potências do «Eixo» de qualquer posição atlântica traduzir-se-ia por um perigo imediato que era necessário evitar a todo o custo. Para evitar que o sonho de dominação universal que, segundo o seu ponto de vista, animava o Reich, se traduzisse em factos, tinham surgido apenas dois obstáculos: a resistência inglesa e a resistência da China. Cabia aos Estados Unidos fazer o que fosse necessário para que elas não sucumbissem.

O ESTADO DE EMERGÊNCIA

No mesmo dia o presidente lançava a sua proclamação anunciando o estado de emergência total. Tratava-se de organizar, praticamente, a defesa do hemisfério ocidental e, para isso, contava ele com a solidariedade das 21 repúblicas americanas e do Canadá. Na sua proclamação, o presidente dizia que a defesa militar e civil nos Estados Unidos devia estar preparada para repelir qualquer ataque. Apelava também para os homens a quem incumbia

a tarefa de organizarem a produção a fim de trabalharem cada vez mais para que não sucumbisse a ordem social existente, única capaz de garantir os direitos do capital e do trabalho.

Os primeiros dias de Junho foram, nos Estados Unidos, preenchidos por acontecimentos de inegável importância. No dia 3 o presidente teve a primeira de uma série de conferências com o embaixador em Londres, sr. Winant, a quem mandara chamar; a 5 o secretário de Estado, Cordell Hull, voltou a dirigir um aviso solene ao governo de Vichy; em 7 era assinado o acordo entre os Estados Unidos e o almirante Robert, Alto Comissário nas colónias francesas do ocidente.

Com o dia 9 surgiu o primeiro acto de hostilidade aberta no mar. O navio americano «Robin Moor» foi afundado no Atlântico quando transportava várias mercadorias com destino à África do Sul. Este incidente emocionou vivamente a opinião pública norte-americana. Numa mensagem dirigida ao Congresso, o presidente comentou o acontecimento, acentuando que os direitos dos Estados Unidos continuariam a ser intransigentemente defendidos.

A Administração decretou, imediatamente, o congelamento dos bens dos súditos do Reich e da Itália residentes nos Estados Unidos. Os bens dos súditos japoneses não foram, na altura, incluídos naquela medida. O encerramento dos consulatos alemães no território dos Estados Unidos foi ordenado em seguida, o mesmo acontecendo à Livraria Alemã de Nova York e à sede da agência de informações transoceânica. Estas medidas, que davam uma nota exacta da decisão do governo de Washington, foram acompanhadas da prisão de grande número de alemães e de americanos de origem alemã sob a acusação de espionagem. As relações entre os Estados Unidos e o Reich entravam assim numa fase crítica que presagiava os mais graves acontecimentos.

OS CONFLITOS DO TRABALHO

A propaganda pró-britânica conduzida por personalidades influentes do mundo político e intelectual, conheceu nesse período uma fase de recrudescimento. De entre os propagandistas mais decididos da causa do auxílio à Grã-Bretanha e da intervenção americana contava-se a jornalista Dorothy Thompson, conhecida pelo seu talento pouco vulgar. Divorciada do escritor americano Sinclair Lewis, fez uma viagem a Londres, onde pôde conviver durante algumas semanas com os dirigentes britânicos e conhecer a sua decisão de levar o povo inglês a uma conclusão vitoriosa da guerra.

Os conflitos de trabalho sofreram um agravamento que se reflectiu no nível da produção. Este, embora não tivesse baixado durante esse período, não se elevou nas condições previstas. A frequência dos conflitos de trabalho foi uma das causas da estagnação prejudicial que se registou durante esse período. Os incidentes desta espécie puderam, no último minuto, ser resolvidos pela arbitragem do poder, mas nem por isso deixaram de se traduzir por negociações demoradas, no decurso das quais o ritmo do trabalho industrial diminuía sensivelmente.

Na General Motors, nos estaleiros da Califórnia e nas fábricas de aviação de Los Angeles, esses incidentes tomaram proporções. Como o estado de espírito público se modificara e tendia claramente para dar um apoio incondicional à política externa do presidente, a Administração pôde adoptar um procedimento, mandando ocupar militarmente algumas das fábricas onde se tinham registado incidentes desse género. Embora os dirigentes das organizações sindicais, em parte responsáveis pelo que se passava, afirmassem que era apenas o problema dos salários que os preocupava e negando, terminantemente, que tivessem quaisquer ligações ou sofressem qualquer influência de agentes comunistas, a opinião pública acabou por manifestar ostensivamente o seu descontentamento.

As organizações particulares, as instituições filantrópicas e as sociedades de vários géneros existentes no país distinguiram-se pela sua actividade pró-britânica. Realizaram-se, durante esse período, numerosas sessões e abriram-se valiosas subscrições que eram o pretexto para afirmar a solidariedade dos povos de língua inglesa.

(Continua)

Ramalho & Silva, L.^{da}

(CASA MERCEDES)

Rua Firmeza, 479—PORTO — Telef. 5869

(Continuação da Rua Sá da Bandeira)

Bicicletas e acessórios "OMEGA" ♦ Balanças automáticas ♦ Auto-Medidoras ♦ Cortadores de fiambre ♦ Moíños para café ♦ Máquinas de escrever ♦ Máquinas para endereçar ♦ Máquinas de calcular ♦ Máquinas de somar ♦ Máquinas protectoras de cheques ♦ Caixas Registadoras ♦ Relógios de ponto ♦ Duplicadores ♦ Canetas de tinta permanente ♦ Lapizeiras automáticas :

PRODUTOS «ZINA» || FITAS para qualquer marca de máquina de escrever (Tintas, colas e lacres)

Papéis químicos, stencils ■ Oficina de reparações etc., etc.



FERNANDO QUEIROZ & C.^a L.^{da}



Importadores de carvão para indústria, cozinhas, — forjas e fundições —

Rua da Reboleira, 13 — Telef. 903

PORTO

UMA GOTA DE «HERPETOL»

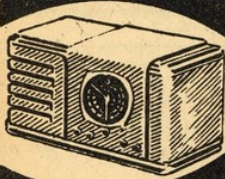
e o desejo de coçar passou. A irritação é dominada. A pele refresca-se e o alívio começa

«HERPETOL»

é um medicamento sério e curto para todos os casos de ECZEMA (humido ou seco), crostas, feridas, erupções, ardores na pele, etc. ATÉ HOJE AINDA NÃO APARECEU COISA MELHOR

A venda em todas as farmácias e drogarias

Preço avulso: 11\$00



com facilidades de pagamento

INVICTA RADIO

S^{ta}. Catarina, 304



Cerrejas

CRISTAL STADIUM

Laranjada

INVICTA

são produtos da

COMPANHIA UNIÃO FABRIL PORTUENSE

LOYAL

MIUDEZAS DA MODA

Almeida, Sá & Freitas L.^{da}



Lãs e tecidos

confeccões de peles

artigos para bordar

Largo dos Loios, 85

PORTO

Telefone 1310

PORTO

A CIDADE INVICTA



SEGUNDA CAPITAL DO PAÍS, PORTUGAL INTEIRO
ADMIRA-A PELO ESFORÇO LABORIOSO DA SUA
POPULAÇÃO, QUE LHE VEM ASSEGURANDO, HOJE
COMO ONTEM, AS SUAS NOBRES TRADIÇÕES
DE CAPITAL DO TRABALHO.

(FOTO ALVÃO)

2.^a EDIÇÃO (Tesouro do Lar)

Receituário Doméstico

É uma inesgotável fonte de conhecimentos úteis e necessários à vida, que se recomenda a tôdas as donas de casa, lavradores, industriais, comerciantes, artistas, operários, e todos aqueles que desejam enriquecer o espírito.



COORDENAÇÃO DE:

J. R. HESPAÑA
e L. DIAS

VOLUME —
ENCADERNADO
EM LONA

PREÇO:

40

ESCUDOS

Fac-simile da obra no formato 14X19, com 1.240
páginas (3.000.000 de letras de corpo 8) — 150 gra-
vuras elucidativas Pêso 1.150 gramas

Pedidos à Editorial Minerva — 31, Rua Luz Soriano, 33 — LISBOA

CITROËN

*Distribuidores Gerais para todo o PAÍS do
afamado gasogénio francês*

GAZAUTO

(Patentes: L. Libault e J. Ferreirinha)

Venda e montagem em táxis, turismos, camions
e autocars:

LISBOA — Avenida Praia da Victória, 9
PORTO — COIMBRA — SANTAREM — FARO
e seus Agentes Exclusivos em tôdas as capitais de Distrito.

Vinho do Pôrto "GRAHAM,

DA FIRMA

Guilherme e João Graham & C.^a
VILA NOVA DE GAIA

Agentes em Portugal e Colónias

Guilherme Graham Júnior & C.^a

LISBOA

PORTO

R. dos Fanqueiros, 7-Tel. 20066/9 ♦ Rua dos Clérigos — Tel. 880/1

CONFETARIA "NERITA"

FÁBRICA de: Pastelaria—Dóces de tôdas as qualidades—Amendoas—
Confeitos.

CONSERVARIA DE FRUTAS DÓCES, em grande escala.
(A maior e mais moderna do País)

Especialidade sensacional desta casa. MARMELADA "NERITA"
EXPORTAÇÃO para tôdo o Império Colonial Português e para o
Estrangeiro.

Os Srs. Comerciantes da Província, no seu próprio interesse, devem preferir os produtos da CONFETARIA "NERITA"

253, R. Sá da Bandeira, 255 Telef. 5165 Pôrto

EXPERIMENTAR E USAR OS

REBUÇADOS
«ÁGUIA»

Avenca—Chocolate e leite
Côco—S. Braz—Frutas
(extra) e Seiva de pinheiro

É TER A CERTEZA ABSOLUTA DE SER
BEM SERVIDO

*Não deseje mais nada
Peça só...*

S A U D E

DINHEIRO

CONFORTO

Nós, não lhe podemos dar SAÚDE
nem tampouco DINHEIRO, mas
temos tudo quanto lhe seja neces-
sário para ter CONFORTO em
sua casa

ARMAZENS DO ANJO

Rua Formosa, 314—PORTO

ANTAS, RIBEIRO & CLARO, L.^{DA}

COMISSÕES, CONSIGNAÇÕES E CONTA PROPRIA
TRATAMENTO DE MINERIOS E FUNDIÇÃO



Escritório
Praça da Liberdade, 128, 4.º
PORTO
Telefones, 357-2031

Oficina
Villar do Pinheiro
Telefone, 25-V. P.

Alba-Zázá

Duas casas de tecidos onde se compra bem.

Carmelitas, 92

PORTO

R. F. Tomaz, 714

GASOGÉNIOS

RAMEX

PARA AUTOMÓVEIS E CAMIONS

JOSÉ MÁRIO CLEMENTE DA COSTA—PORTO

CASA DAS MEIAS

Rua de Santa Catarina, 351 **PORTO** Telefone 854
EM FRENTE AO "JANEIRO"

Apresenta um variado sortido em casacos de peles
Sedas e tecidos de lã, para vestidos e casacos

FÁBRICA DE COROAS E FLORES ARTIFICIAIS

EM TODO OS GENEROS — CASA FUNDADA EM 1896

Armazém de artigos funerários PARAMENTOS DE IGREJAS
MATERIAL DE ARMADOR
Obras de palheta

CARVALHO & IRMÃO

147, R. dos Caldeireiros, 151 **PORTO** Tele. { gramas GALÕES-PORTO
(Em frente à Trav. Clérigos) { tone, 994 (P. B. X.)

Quere BARBEAR-SE
com asseio e conforto Dirija-se à

Barbearia Elegante

Rua Elísio de Melo, 45 (em frente à Garagem do Comércio do Porto)
(Tem chauffage) — Telef. 5378

Darlan, o homem-mistério

(Conclusão da página 5)

contra o que lhe dissera no dia 9, ao que o almirante retorquiu afirmando que «decidiu reunir-se à Grã-Bretanha e aos nossos novos aliados, os Estados Unidos», resolvendo organizar um grande exército com a cooperação «de Giraud e outros generais».

E a 18 constrói um conselho legislativo com o apoio de Nogués e de Giraud. É já o caminho da dissidência.

No dia 5 aparece o autêntico governo em Argel. Em Londres pergunta-se o que é isso. Mas Darlan, sempre de acordo com Eisenhower e, portanto, com Roosevelt, passa adiante e cria o bloco da África Francesa ao lado dos aliados. O general Catroux então, a rebanar, denuncia-o como traidor, formando dentro do campo das Nações Unidas perigo igual como o do cavaleiro de Tróia. As perguntas referem-se nos Comuns. De Gaulle anuncia uma viagem a conferência com Roosevelt, mas este não o dá por convidado e o general desiste. O barulho é tal que Cordell Hull, aziado, — ao mesmo tempo que na capital britânica soava a declaração oficial de que a África do Norte é campo de acção exclusivo de americanos e sob seu comando — veio a 10 de Dezembro avisar de que em hora de batalha não há tempo para apreciar opiniões de grupos, e que só futura e livre escolha do povo francês poderia decidir do regime em que ele há-de viver.

Para encerrar a questão que um decreto do próprio Darlan avivara conferindo-lhe poderes de chefe de Estado, Churchill subiu a fazer declarações secretas nos Comuns. E tudo parecia revertido a silêncio, ao menos temporário, quando no dia 17 o quartel general do exército aliado no norte de África publicou sensacionais declarações do almirante que dessa mesma procedência traziam selo evidente, e fizeram renascer, através de todos estes acontecimentos, as interrogações vitais:

— O Darlan de hoje é o mesmo Darlan de ontem?

É o mistério que desde o armistício de 1940 forrava a farda do antigo chefe da frota de guerra da França, e que fora uma das figuras da famosa Frente Popular quando a marujada de Brest e de Toulon falava de «notre Darlan», passou então, pela primeira vez, debaixo de uma luz mais clara e mais forte.

É sob este foco que vamos também mostrar, em coincidência, alguns pormenores que ajudarão a avaliar da profundidade desse mistério — que afinal pode ter muito pouco de misterioso.

Quando os jornalistas acorreram, naquela dia 17, a ouvir ler as declarações, desfecharam após a leitura as metralhadoras das perguntas. O almirante recebe-os na ponte sobre a crista da primeira vaga. Inquirem-no tudamente acerca de De Gaulle; ele manifesta a esperança de «que todos os franceses que possam combater (o grupo exilado em Lon-

drês chama-se Combatente, e a frase resume sabor de calemburço), o farão inteiramente unidos». E o navio transpõe a onda. O general Catroux, companheiro de armas de Giraud, que continuava em Londres, talvez sentisse a frase a soar-lhe aos ouvidos. Interrogam-no depois sobre a duração do seu governo, e responde que «de momento» se limita à África do Norte e à África Oriental. Outra onda transmontada.

— E qual a finalidade do governo?

— Representar os interesses franceses enquanto a França não puder manifestar livremente a sua opinião, isto é, nomear o governo que escolher.

É a resposta de Cordell Hull em nova edição. E outra vaga é transposta.

Mas a seguinte é temerosa: — Porque modificou a sua opinião a respeito dos Aliados?

Darlan nem pestaneja, e aproveita a fundo o ensejo para o seu melhor golpe de duelista e actor:

— Fui forçado a cooperar com o invasor. Os alemães dominavam-me. Todos os meus movimentos, tudo o que eu fazia, tudo o que eu dizia ou escrevia, todas as pessoas com quem falava, eram minuciosamente pesquisados pelos alemães. Tinha sempre à minha volta espíões. Só porque tentava livrar os franceses de medidas repressivas mais severas por parte dos alemães.

Os jornalistas talvez pasmassem. O almirante, no entanto, continuou: — O fim de tudo que fiz, enquanto participei do ministério francês, foi manter dentro de certos limites o poder que a Alemanha tinha sobre a França. Nenhum francês digno desse nome, se poderia esquecer de boa vontade à opressão alemã. Quando as forças aliadas desembarcaram na África do Norte, cumpro as ordens que tinha recebido de manter a palavra da França. Dei ordem de cessar fogo o mais depressa possível. Tendo sido exonerado pelo Governo de Vichy, liquei-me às autoridades militares americanas para evitar mais derramamento de sangue francês e aliado. Depois, quando a Alemanha violou o armistício, pude agir livremente.

E, dito isto, desceu da ponte, entrou no avião de seu serviço privado e partiu para Bône, escoltado por caças ingleses.

De Londres, o porta-voz gaulista clamava que Darlan entregara refens aos pelotões de execução alemães. O almirante rematara, porém, as suas declarações afirmando que ao conduzir a África setentrional e ocidental contra a Alemanha e a Itália ao lado das Nações Unidas, não buscava apoio ou auxílio para qualquer ambição pessoal, e que uma vez a França libertada e salva a África francesa, ele retiraria-se à vida particular...

Debalde o porta-voz gaulista fazia esforços para condenar o «homem que a Alemanha nomeou ditador».

A própria imprensa inglesa, re-

mordendo os beiços, tinha de confessar ser «consolador» o auxílio das duas Áfricas aos Aliados, e retinha as cutiladas diante de um arrependimento «de cuja sinceridade não pode duvidar-se», dizia o «Daily Telegraph» do cimo de seus pergaminhos conservadores. Roosevelt dissera que o mando do almirante seria temporário. Pois ele próprio o confirmava... garantindo ao mesmo tempo e peremptoriamente que as unidades da esquadra francesa ancoradas em Dakar, em Alexandria e nos portos da África do Norte, se juntariam às esquadras inglesa e americana para combaterem o «Eixo». Uma maravilha!

Como condenar Darlan? E outra pergunta acudia: Porque aparecera ele em Argel no dia 9, cumprindo uma ordem, segundo dizia agora? Quem lhe dera? Quem o avisara tão rápida e oportunamente da chegada da expedição Eisenhower diante de Casablanca?

Em Londres contavam-se as vantagens pelos dedos:

— Um governo francês aliado em África... O Mediterrâneo reaberto... A possibilidade para os Aliados de atacarem, sem riscos na retaguarda, as bases alemãs de Tunes e Bizerta...

Em Downing Street, o charuto do velho Winston fumegava irônica-

mente. A imprensa alemã, por sua vez, formulou contra Darlan uma série de acusações assás dignas de registar-se: a) colocar nos postos de responsabilidades da zona não ocupada, tanto civis como militares, pessoas da sua exclusiva confiança pessoal, sem se preocupar com a sua competência, mostrando assim uma organização de influência, cheia de suspeições; — b) chamar a si a totalidade dos poderes de alto comando exclusivo das forças armadas; — c) promover a resistência hipócrita à colaboração franco-alemã, especialmente no sector económico e no fornecimento de mão-de-obra ope-

raria francesa à indústria alemã; — d) ter exigido do marechal Pétain a demissão dos generais Bétouard e Kloetz, defensores de Casablanca e de Argel, a título de ele, Darlan, poder ir organizar lá a resistência, para o que já extorquirá ordem do marechal datada de 9 de Novembro em Vichy; — e) desencadear o movimento de demissões colectivas de diplomatas franceses, com a declaração expressa de que não desejam servir a França do marechal Pétain com Laval no poder, libertando-se assim de obrigações a fim de poderem servir «outro governo francês». E a catilinária da imprensa de Alêrn Reno não termina aqui, no seu articulado. Assim as enumerava, no entanto, o «Frankfurter Zeitung», por exemplo.

Eis, porém, outro facto. No dia 10 de Novembro, no seu quartel general, o general Eisenhower recebia os jornalistas e declarava-lhes, sorridente, apesar de ainda haver tiros: «A campanha de Marrocos, que se torna difícil pelas forças de que o governo de Vichy ainda dispõe e pelo estado do mar nesta estação, prossegue com mais rapidez do que se esperava.

O único desapontamento é a resistência da Marinha Francesa e particularmente das baterias costeiras. Nós procuramos esclarecer os franceses que se nos opõem que o nosso esforço se dirige apenas contra o inimigo comum: a Alemanha».

Um mês depois, quando o almirante e Eisenhower trocam na data do primeiro aniversário da entrada dos Estados Unidos na guerra, telegramas da mais efusiva e amigável saudação, Darlan continuava já não propriamente na ponte, mas na melhor testa de ponte que os Aliados, por visão de Roosevelt e com o apoio de um lugar-tenente admirável chamado Churchill, ainda haviam conseguido para abordar a Europa.

E o mistério Darlan saíra do seio indelco das brumas...

O que desejaria que o Menino Jesus lhe pusésse no sapatinho?

(Conclusão da página 6)

esse felicidade na minha próxima exposição... e nada mais».

Poe, com certeza absoluta. Fosse tudo tão possível e real como é real e autêntico o talento de Eduarda Lapa.

Uma cantora: MINA BRAGA

Seria banal chamar-lhe uma voz de ouro. Digamos que é uma voz encantadora, modulada pelos violinos e transbordante de mocidade.

O que gostaria que o Menino Jesus lhe pusésse no sapato?

— «Um saco cheio de êxitos futuros, para compensação de tanto trabalho e tanto amor à minha Arte».

Que vá desejando cada vez mais, já que tem sido sempre tão bem atendida.

Uma jornalista: MANUELA DE AZEVEDO

Um talento muito raro no jorna-

lismo puro. A entrevista dinâmica, a reportagem trabalhosa e o artigo burilado não têm segredos para Manuela de Azevedo.

Depõe por direito de talento, neste inquérito rápido.

Responde: — «Peço ao Menino Jesus um punhado de notícias sensacionais do céu.

...E se me quiser dar uma entrevista...»

JOIAS RELOGIOS
CASA ANIBAL TAVARES
R. DA PRATA 95-97
PRATAS ARTISTICAS

A COMERCIAL

EMPRÉSTIMOS SOBRE PENHORES

18, Travessa da Trindade, 22 — Esquina da Rua Nova da Trindade
(JUNTO AO CHIADO) Telefone 25082

Efectua transacções sobre todos os penhores que ofereçam garantia, ao juro da lei. Dispõe de boa e moderna casa forte para segurança de todos os objectos de valor

ACADEMIA NACIONAL DE RADIO
Encontrará nos nossos cursos um ensino atraente, completo e fácil
Peça folhetos grátis á
ACADEMIA NACIONAL DE RADIO
AVENIDA DR. MANUEL LARANJEIRA, 12 PORTO

A RITA E O JOAQUIM

Versos e musica de Antonio Viana

Canto
All.^o moderato

De lenço de Chita saia de co...tim Já lá vem a Ri.ta mai.lo Jo.a...quim To.da a fregue..

zi.a To.do po.vo...ado Sa.be que a Ri.ta tem um na.mo...rado No do.ming.o á missa o Pa...dre fa...lou Va.ca.sar a

Ri.ta ea Ri.ta Có...rou Só o Jo.a...quim Se lembou u...fano De.vo já ser pai da.qui.a um ano,

Mas os.a.nos passam. A ve.lhi...ce vêm. Ea Ri.ta tão linda In.da não é mãe! **Fim**

ad. libitum
D.C. ♩ morrendo....

Cópia de G. L. Nunes

I
De lenço de chita saia de cotim, já lá vem a Rita mail-o o Joaquim. Toda a freguesia todo o povoado sabe que a Rita tem um namorado. Mas os anos passam

a velhice vem, e a Rita tão linda ainda não é mãe!

II
Amanham as terras sósinhos os dois, têm campos, estrados e juntas de bois. É rica a herdade

de milho, porém o casal amigo carece d'alguém.

Nas noites de inverno a lareira é fria falta a mocidade que dá alegria. «Quem me dera um filho» — ambos a pensar —

e guardam na alma ido fundo pesar. E nunca trocaram essa grande mágoa com medo que os olhos se arrastassem d'água.

III
E bons sessenta anos viveram assim,

multo vetha a Rita mail-o o Joaquim. Morreram os dois n'um frio janeiro, nunca ninguém soube, qual morreu primeiro.

Parentes distantes que vêem sem tardança todos desavindos

oustar a... anseu. As leiras vendidas, campos retalhados, há lutas renhidas, por esses bocados. E os pobres velhinhos esquecidos são, e nem uma flor... nem uma oração...

Oiça as músicas que prefere

Os discos elèctricamente registados reproduzem o som com uma fidelidade que não se discute. Para as pessoas que gostam pouco dos programas obrigatórios da T. S. F. e que preferem as músicas que lhes agradam no momento em que têm vontade de as ouvir, o disco é insubstituível. No nosso estabelecimento encontrará V. Ex. as últimas novidades em discos tanto em músicas portuguesas como estrangeiras. Adquira os seus discos nos



ESTABELECIMENTOS
VALENTIM DE CARVALHO
SALÃO NEUPARTH
Rua Nova do Almada, 97
LISBOA

HAVAS



Abandone os processos velhos

Os ateliers gráficos

BERTRAND (IRMAOS), L.^{DA}

executam por processos modernos qualquer trabalho em

FOTOGRAVURA
TIPOGRAFIA
OFFSET E
LITOGRAFIA

BERTRAND (IRMAOS), L.^{DA}

TRAV. DA CONDESSA DO RIO, 27 - LISBOA

DE MANHÃ...

...um copo
de MITZI

DAR-LHE-À
OPTIMISMO PARA
O DIA INTEIRO



TOME
OVOCHOCOLATE

MITZI

Casa do Rádio

RECEPTORES DE RÁDIO
DE TODAS AS BOAS MARCAS

MÁQUINAS DE ESCREVER
L. C. SMITH e CORONA

*Deseja boas festas e um Ano Novo
muito feliz a todos os seus Ex.^{mos} clientes*

Casa do Rádio

A primeira casa da especialidade

RUA DE S. NICOLAU, 113

Telefone 21578

LISBOA



Natale 1942